

# Letras e Artes

2.ª Secção

N.º 16

SUPLEMENTO DE "A MANHÃ"

Rio, Domingo, 22-9-1946

A NOVA biografia de Shelley, por Edmund Blunden, que me mandaram da Inglaterra, sugere uma meditação sobre a conjunção copulativa "e".

"Quando nos faltam conceitos", diz Goethe, "ocorrem-nos um termo". Ora, aquele "e" é um termo frequente da historiografia literária e uma fonte de confusões. No binómio "Corneille e Racine", o "e" ainda pode passar, tratando-se de dois poetas tão diferentes que nem a mania das comparações na escola chega a confundí-los. Meio ridículo é o "Ariosto e Tasso" de críticos não-italianos que não leram nem o primeiro nem o outro, praticando-se a mesma coisa com os indefesos "Esquilo e Sófocles". Perigoso é, modernamente, o binómio "Proust e Joyce", misturando dois estilos, duas épocas, dois mundos diferentes. Nietzsche devia protestar publicamente contra a absurda combinação "Goethe e Schiller" que, baseando-se nas relações pessoais dos dois poetas, substituiu na memória da nação a poesia clássica de Goethe pela eloquência classicista de Schiller, sacrificando a literatura ao gosto dos professores. Caso de consequências algo semelhantes é "Byron e Shelley".

"Byron e Shelley" — a expressão binária transforma em fato literário as relações de dois amigos, na Itália em exílio voluntário; com ar de condescendência acrescentaram o nome de terceiro "italiano", de Keats, o pobre tísico que morreu moço naquela mesma terra. A combinação implica quase fatalmente um julgamento crítico: Byron seria grande; Shelley, algo menor; e Keats, coitado, "também" é lembrado. Acontece que os europeus continentais mantêm esse conceito até hoje, não tomando conhecimento da inversão dos valores, realizada na Inglaterra. Lá, Keats está acima das discussões, considerado como valor shakespeariano; Byron já não é lido. E o inquieto Shelley, ligado a eles por um frágil "e", continua uma vida póstuma, agitadíssima, quase tão agitada como a sua breve existência terrestre.

O adolescente, belo como um anjo, atraíu todos que o encontraram no caminho, e destruiu-os todos, como se fosse um anjo do mal. Expulso da Universidade de Oxford por motivo do ba-

**Este suplemento não pode ser vendido separadamente** : : :



REMBRANDT — Auto-retrato — Museu de Viena

## // ... E SHELLEY //

OTTO MARIA CARPEAUX

rulho com que professava convicções ateísta e republicanas, raptou uma mocinha de 16 anos, Harriet Westbrook; após a tentativa infeliz de uma cruzada para converter ao ateísmo os irlandeses católicos, abandonou mulher e filhos, fugindo com Mary Godwin, cuja irmã Fanny se suicidou por amor pelo jovem poeta; depois de se ter consumado outro suicídio, o de Harriet, Shelley foi para a Itália, respirar o ar clássico e pagão, adorar belas italianas, viver em sonhos de libertação da humanidade e em irresponsabilidade completa, escrevendo a tragédia lírica "Prometheus Unbound", enorme rapsódia luciférica. Tudo na sua poesia foi inspiração vital; tudo na sua vida foi ilusão poética, e quase pe-

rece o momento supremo da sua poesia a sua morte nas vogas do golfo de Livorno.

Shelley confundira a vida com a poesia. Depois confundiram-lhe a poesia com a vida. A Inglaterra victoriana perdoou antes a Byron, apesar das atitudes de desafio deliberado, do que a Shelley que teria destruído os outros e a si mesmo por irresponsabilidade moral. E os burgueses de 1850 tinham instintivamente razão: Byron foi grande aristocrata, e o que temos nós outros com os "spleens" desses Lords? Mas Shelley foi um filho perdido da "gentry", já ligada à classe média. A poesia de Byron fora a expressão de sua posição social. Mas Shelley, destinado a levar uma existência razoável, inspirou em motivos poéti-

cos a sua vida; e homens aos quais motivos poéticos ficam incompreensíveis, deviam considerá-lo como egoísta antipático, senão como louco.

Basta porém folhear a antologia divulgadíssima de Palgrave, obra da época victoriana, para saber que a magia verbal de Shelley, que é o maior músico da palavra entre os poetas ingleses, venceu as antipatias. O homem Shelley não fora um inglês ao gosto daqueles ingleses. Mas o criador de versos como —

"O World! O Life! O Time!  
On whose last steps I climb,  
Trembling at that where I  
had stood before;  
When will return the glory  
of your prime?  
No more — O never more!"

— este justificava a famosa frase de um papa: "Non Angli, sed angeli". Mas teria sido um anjo do mal! Então, salvaram-lhe o nome, ligando-o por meio de um pequeníssimo "e" a um título aristocrático, indiscutido — e o binómio "Byron e Shelley" estava pronto.

Na verdade as relações entre Byron e Shelley, os dois exilados na Itália, só foram de natureza pessoal e por assim dizer geográfica. Não há relações entre a poesia do primeiro e a do outro. Byron foi classicista, pessimista e libertino aristocrático; Shelley é romântico, otimista e libertador democrático. Aquele "e", em vez de salvá-lo, só podia prejudicar a compreensão da sua poesia.

Devemos àquele "e" a valorização tardia de Keats, cujo nome estava ligado aos dois outros como o de um pobre parente. Reconhecendo o anacronismo do estilo de Byron, admirador de Pope, os críticos aprenderam a apreciar melhor o "classicismo autenticamente grego" de Keats, cuja estrela subiu até alturas shakespearianas. E mais uma vez foi Shelley o prejudicado. Pois aquele "grego" Keats foi na verdade também um romântico, mas com a capacidade de se disciplinar, criando então uma poesia de equilíbrio clássico-romântico, assim como é a de Baudelaire — em suma

"A thing of beauty is a joy for ever".

O romântico Shelley não possuía porém aquela disciplina, e por isso é que começaram a negar à sua poesia a qualidade de um "joy for ever". A poesia de Shelley — poesia de sonhos musicais — é romantismo em sentido germânico. A ideologia revolucionária de Shelley é romantismo em sentido francês. Em todo caso, ele tornou-se intensamente antipático aos anti-românticos do século XX. Assim como Maurras investiu contra Hugo, assim e pelos mesmos motivos investiram os neo-humanistas norte-americanos contra Shelley: acharam que ele fora "Anglus, sed non angelus", senão um dos anjos revoltados. "Quem gosta de Milton", disse P. E. More, "não será capaz de gostar de Shelley", sem imaginar que pouco mais tarde o sucessor mais radical do neo-humanismo iria condenar o herético Milton e o revolucionário Shelley ao mesmo tempo. Com efeito, T. S. Eliot chegou a duvidar até da inteligência do criador do "Prometheus Unbound".



# UM DIÁRIO ÍNTIMO

JORGE DE LIMA

## NO MUNDO DAS LETRAS

NUVA FUNÇÃO PÚBLICA DO ESCRITOR CIRO DOS ANJOS



Ciro dos Anjos o consagrado romancista do "Amanuense Belmiro" e "Abdias" e um dos colaboradores de "Letras e Artes" acaba de ser nomeado para o alto cargo de diretor do IPASE. Escolha muito justa, porquanto

Ciro dos Anjos, a par de seus grandes méritos de escritor, sempre revelou qualidades invulgares para atividade administrativa em várias funções que nesse terreno vem exercendo.

### A GRANDE FEIRA DO LIVRO

De uns meses para cá que as liquidações se vêm sucedendo nas livrarias da rua São José. Agora, entretanto, pode-se dizer que esse movimento culminou com a inauguração da Grande Feira do Livro, em que aparece o maior número de obras de boa qualidade, brasileiras e estrangeiras, vendidas com o considerável desconto de 50 por cento. A Feira deriva, porém, de uma iniciativa oficial. Foi o sr. Fioravanti di Piero, secretário da Educação e Cultura do Distrito Federal, quem a criou pela resolução n.º 44 de 11 de agosto último, visando facultar essa vantagem ao público a partir do mês de setembro. Empreendimento muito justo e digno de aplausos consentâneo com a orientação do general Gaspar Dutra, presidente da República, empenhado em melhorar as condições de vida dos brasileiros em todos os setores.

O interessante é que com a Feira, outras livrarias da mesma rua, que já vinham liquidando, fizeram novas remarcações com abatimentos mais sensíveis ainda.

### "AS ALIANÇAS"

Já se acha no prelo, devendo ser lançado no próximo mês de outubro, pela Livraria Agir Editora, o romance de estréia de Léo Ivo, o poeta de "As imaginações" e "Ode e Elegia".

Trata-se de um romance que, embora presidido pelas linhas mestras que caracterizam esse gênero literário, se afasta singularmente dos tipos que ora imperam entre nós, situando-se claramente dentro do romanesco sem se inclinar para a observação sociológica.

Como o título indica, é a história de um casamento, o exame de dois temperamentos diferentes unidos pelos laços matrimoniais. Utilizando uma técnica, que varia desde o monólogo interior até à narração direta dos acontecimentos, e usando simultaneamente dois planos — o do tempo presente e o da recuperação do tempo perdido, por intermédio da memória — Léo Ivo joga com vários elementos de técnica que dão um cunho bem sugestivo ao seu romance de estréia.

Com "As alianças" — obra que abrirá caminho para a publicação de dois outros, "A travessia" e "O patamar" — Léo Ivo filia-se ao "realismo feérico" que caracteriza certos romancistas que não despresam o artifício e a magia verbal, como Virginia Woolf e Jean Giraudoux.

## A MANHÃ

Rio de Janeiro

Diretor: Ernani Reis

SUPLEMENTO DOMINICAL  
LETRAS E ARTES

Orientação de:

Jorge Lacerda

SEÇÕES A CARGO DE: AL-

MEIDA SALGADO, ALBERTO COSTA, BRITO BROCA, DJALMA VIANA, FERNANDO LEME, JOÃO CONDÉ, MURILO MENDES, PEREGRINO JUNIOR E SANTA ROSA

Colaboradores: Adonias Filho, Alcantara Silveira, Alceu Amoroso Lima, Almeida Fischer, Alphonso Guimarães Filho, Anibal Machado, Antonio Rangel Bandeira Ascendino Leite, Augusto Frederico Schmidt, Augusto Meyer, Breno Acioli, Cassiano Ricardo, Cecília Meireles, Christiano Martins, Giro dos Anjos, Cláudio Tavares Barbosa, Dantas Mota, Dora Ferreira da Silva, Eurico de C...

Gerardo Ferraz, Gabriel Munhoz da Rocha, Guerrel, Ramos, Gustavo Barroso, Joaquim Ribeiro, Jorge de Lima, José Francisco Coelho, José Simeão Leal, Léo Ivo, Luis Jardim, Manoel de C... Manuel Bandeira, Marcos Konder Reis, Mario da Silva Brito, Maria Olímpia, Marques Rebelo, Murilo Mendes, Octavio de Faria, Otto Maria Carpeaux, Renzo Massarani, Ribeiro Couto, Rogério Cordeiro, Ronald Cassier, Rosário Fusco, Sergio Milliet, Servulo de Melo, Tasso da Silveira, Tomistocles Linhares, Vicente Ferreira da Silva, Wilson Figueiredo e Xavier Piacere.

Ilustradores: Alfredo Ceschiatti, Armando Pacheco, Athos Bulcão, Emeric Marcier, Fayga Ostrower, Iberê Camargo, Luiz Jardim, Oswaldo Gordini, Percy Deane, Santa Rosa e Van Rogger.

### Como julgávamos a literatura norteamericana

Eis como um dos nossos escritores julgava a literatura norteamericana numa ironia publicada na revista "O Mundo Literário", em 1922: "Eu diria que a literatura norteamericana é cênica, o que significa que ela segue os temas e processos das fitas cinematográficas, sempre moldados no mesmo assunto, variando apenas os personagens". Não podia haver generalização mais infeliz. Realmente, sempre houve essa literatura nos Estados Unidos, mas considerá-la a literatura norteamericana não passa de uma tolice.

### 7.ª EDIÇÃO DE "REGRAS PRÁTICAS PARA BEM ESCREVER"

Ruy Barbosa, ao morrer, deixou vaga a cadeira que ocupava na Academia Brasileira de Letras. Os imortais decidiram que só um espírito altamente dotado como o da Águia de Haya poderia substituí-lo no Petit Triangon. Escolheu-se, então, Laudelino Freire para suceder a Ruy, não mais importante das corporações culturais do Brasil.

É da autoria de Laudelino Freire este pequeno livro intitulado "Regras Práticas para bem escrever", cuja sétima edição a Editora A NOITE acaba de lançar. Não fora seu autor uma das penas mais fecundas que já possuímos, e este volume lhe teria assegurado a glória que assinalou suas atividades intelectuais. Isto porque, sem nenhuma dúvida, "Regras Práticas para bem escrever" é uma pequena obra-prima.

A preocupação que norteou o saudoso escritor Laudelino Freire foi a de fazer deste livro um pequeno Breviário.

### Historiador? não; psicólogo

"Não, naturalmente não sou historiador — declara Emil Ludwig — mas sim um psicólogo. Durante trinta e cinco anos, meu único objetivo tem sido conhecer melhor o coração dos homens; toda a minha obra não tem outro propósito senão esse."

ENTRE todos os críticos de Maine de Biran um dedicou o melhor de sua existência a estudá-lo: e este foi o "Docteur és lettres et en théologie" — A. De La Vallette-Monbrun. O seu "Essai de biographie historique et psychologique Snr. M. de Biran" é das coisas mais minuciosas e honestas que conheço. Conservo desde os tempos da última guerra o seu "Maine de Biran, critique et disciple de Pascal" anotado: e foi este um livro que me acompanhou durante a convalescença de grave moléstia em 1918. Vallette Monbrun ainda não satisfeito deste culto exaustivo à memória do filósofo, institue uma Sociedade biraniana de que foi presidente de honra — Henri Bergson.

Releio com crescente amor o "Journal Intime": e quero hoje transcrever algumas idéias de Monbrun a respeito de seu biografado. Com isto satisfação melhor a curiosidade de uma de minhas leitoras: que, havendo lido um de meus últimos artigos sobre Maine de Biran me solicita novos esclarecimentos a respeito desta metafísico de quem Royer-Collard dizia: "É o mestre de todos nós".

Duas grandes lições deprendem-se da longa e dolorosa odisséia de Maine de Biran em sua procura da verdade. A primeira é de máxima importância: a condenação da filosofia racionalista que se mostrou à luz das próprias experiências, inteiramente incapaz de satisfazer as exigências da alma humana. Se a crítica moderna fez por muito tempo em torno de M. de Biran uma espécie de conspiração do silêncio, é que sem dúvida nenhuma há reconhecido em Biran como em Pascal, um defensor sistemático dos direitos da razão humana no que têm de legítimo, instituindo por seu próprio exemplo o mais duro combate não só contra a orgulhosa filosofia estoiciana (que só considera o homem em seu estado de força e de boa saúde, quando não sente ele necessidade de nenhuma filosofia), como também contra esta filosofia falsamente racional que pretende banir Deus deste mundo carcomido. É neste sentido — principalmente neste sentido — que se faz mister ouvir-se o anátema pascalino, em que certos burgueses literários enxergaram uma "boutade": "Toda filosofia não vale uma hora de atenção". Foi em idêntico sentido que Biran — tendo compreendido que não se podia filosofar, excluindo, a priori, o absoluto, conclue este conceito

que é o arrazamento de todos os sistemas agnósticos surgidos no decorrer do século dezanove: "A filosofia do relativo tudo falseou, tudo sofisticou: é tempo de restabelecer a verdade absoluta em seus direitos". A esta é a sua tarefa, M. de Biran consagrou a maior parte de sua existência. Cristão de nascença, foi-lhe necessário mais de trinta anos para encontrar os títulos de sua linhagem perdidos na escuridão do ateísmo dos fins do século dezoito. Podemos mesmo dizer que ele nas atinge mais na alma que Descartes, pois que no autor do "Discurso sobre o método" a dúvida não era senão um processo de raciocínio, enquanto no autor do "Journal Intime", encarando apenas as coisas da mística, esta dúvida é muito mais perigosa. Maine de Biran, como tem observado Augusto Nicolas no dizer de Vallette-Monbrun, partiu da meta em que chegou Jouffroi, e por uma disposição inversa atingiu o ponto de onde este houvera partido. Dêste beco escuro, que na opinião de seu prefaciador era o ceticismo de Bayle e o sensualismo de Cabanis, seu espírito, aspirando à verdadeira vida, dirigiu-se para uma luz mais alta que nem toda gente consegue divisar por entre a cerração pesada do mundo, pois "o reino de Deus não se dá, no dizer do próprio Biran, se o caminho da ascensão não lhe está preparado". Havendo gasto o melhor de sua vida, dispondo-se ao acesso desta luz divina — Maine de Biran conseguiu compreender que a religião resolve sozinha os problemas da filosofia. Sem fadigar-nos, ensina-nos onde reside a realidade absoluta. Diz-nos também que, encarando as coisas sob o controle dos sentidos ou segun-

do as nossas paixões, ou mesmo segundo uma razão artificial e de convenção, vivemos dentro de uma ilusão perpétua. E elevando-nos para Deus, procurando libertar-nos de certos planos da dialética leiga que podemos alcançar as coisas como são realmente. Foi por uma sequência contínua de progressos simultâneos da ciência e na religião que Maine de Biran, reunindo com justa visão, fé e psicologia, consegue construir uma filosofia transcendente, sem o excessivo drama literário de Blaise Pascal. Tal filosofia desdenhando todas as limitações dos sentidos ou das paixões, em que se entrelaçaram o sensualismo e todos os sistemas que dele se aproximam, mantém energicamente com os direitos da razão humana aderida a seu objeto próprio, os direitos desta "razão superior, que plana sobre todas as coisas deste mundo" e liga o mundo fenomenal ao mundo noumenal, o tempo à eternidade.

Maine de Biran levou a vida fazendo psicologia, que é a filosofia dos homens interiores. Poder-se-ia dizer que ele se confinou em um só livro, o livro íntimo de sua alma, mas, "como cada homem traz em si a forma da humana condição", confessando-se, este novo Montaigne fez uma obra de importância universal, que, como os "Ensaio", jamais perecerá.

Saboreando-se as profundas análises que o profundo psicólogo de sua própria alma nos deixou, todo espírito refletido é levado a pensar que o vácuo que mora no fundo de nós todos, e de que rege em certas horas um verdadeiro desespero suicida que nada pode preencher, é por sem dúvida o lugar de Deus, o lugar do Deus perdido.

### O QUE LEREMOS BREVE

Otto Maria Carpeaux está escrevendo para a Livraria José Olímpio uma "História da Literatura Russa", em que estudará o desenvolvimento das letras na terra de Dostoiévsky, sob um novo plano. Carpeaux está terminando também o seu grande trabalho em três volumes: "Literatura do Ocidente".

\*\*\*

Dentro em pouco aparecerá o primeiro volume da "Comédia Humana", de Balzac, na edição erudita da Globo confiada a Paulo Ronai. Dêsse volume fará parte a deliciosa novela "Modeste Mignon", história de uma provinciana apaixonada por um poeta afamado.

\*\*\*

Já está para aparecer o novo número da "Província de São Pedro", a excelente revista de cultura, editada em Porto Alegre.

\*\*\*

"Cranford", de Elisabeth Gaskell, traduzido pela escritora Raquel de Queiroz e editado pela Livraria José Olímpio, revelará ao nosso público uma das grandes romancistas inglesas do século passado, das primeiras a interessar-se pelos problemas sociais.

\*\*\*

Irã despertar, certamente, interesse a seleção de cartas de Voltaire, publicada juntamente com uma biografia do patriarca de Ferney, obra de Brito Broca a ser editada pela Livraria José Olímpio.

\*\*\*

Ruth Guimarães, a autora de "Água Funda", já entregou a Globo os originais de outro romance, este menos descritivo e mais introspectivo. Cumpra ela assim o propósito que formulou numa entrevista: "o de escrever sempre".



# Através dos suplementos

DJALMA VIANA



PALAVRAS DE FREUD A MEDEIROS E ALBUQUERQUE

Em 1919, quando não havia ainda traduzida para o francês nenhuma obra de Freud, Medeiros e Albuquerque realizou na Policlínica do Rio de Janeiro, sob os auspícios da Sociedade de Neurologia e Psiquiatria uma conferência sobre as teorias do mestre vienense, depois incluída no livro "Graves e Futeis". Medeiros enviou o livro a Freud, que conseguiu ler a conferência pelo fato de compreender muito bem o espanhol. E respondeu com uma carta muito lisonjeira para o autor, na qual dizia, entre outras coisas, o seguinte: "É uma idéia agradável e confortadora pensar que as palavras que a gente atira pelo mundo afóra, se as vezes são mal compreendidas e depreciadas pelos que nos cercam, despertam um interesse simpático em pessoas que estão separadas de nós por terras e mares, por diferenças de raças e línguas. Isso nos eleva acima das restrições mesquinhas e pessoais e faz-nos sentir o poder do pensamento e de todas as coisas que servem para unir os homens".



AS CONFERÊNCIAS DE ANDRÉ SIEGFRID

Estão despertando grande interesse as conferências de André Siegfried nesta capital onde se encontra a convite do Ministério das Relações Exteriores. Siegfried é, realmente, um dos mais lúcidos analistas dos problemas sociais e políticos do mundo moderno; e não será de mais lembrar o acolhimento que o seu livro "Les Etats Unis d'Aujourd'hui" teve por parte dos estudiosos do Brasil há uns quinze anos. Esse francês surpreendia-nos, então, com uma admirável explicação dos nossos vizinhos do norte, a nós, que há quinze anos atrás, ainda mal compreendíamos a civilização americana.

INICIATIVAS QUE EXIGEM MAIS ESTÍMULOS

É estranho como grandes iniciativas editoriais morrem, entre nós, sem a devida repercussão, quer na crítica, quer no público, que, aliás, se orienta pela crítica. Isto se dá, principalmente com determinadas traduções, dignas de maior interesse, já pela importância universal das obras, já pelo escrupulo com que foram feitas as referidas edições. Aí temos, por exemplo, os "Diálogos", de Platão, da Globo, traduzidos diretamente do grego — o que representa muita coisa numa terra de tão pouca erudição, como a nossa — e enriquecido com um longo prefácio, verdadeira introdução ao conhecimento da filosofia platônica. Pois não vimos quase nenhum comentário sobre o livro que ficou por aí, mais ou menos despercebido. O mesmo podemos dizer do "A vontade de Poder", de Nietzsche, também uma edição valiosíssima, acrescida de introdução e notas. Grandes romances como a "Crônica dos Forsyte", "Os Quarenta Dias de Neusa Dagb" também não são, com frequência, devidamente comentados.

Precisamos apreciar melhor essas iniciativas que já depõem eloquentemente, sobre a elevação do nosso nível editorial.

A VOGA DO LIVRO FRANCÊS CONTINUARÁ

Tem-se falado, errônea e precipitadamente, na decadência do livro francês entre nós. Mas parece que há um equívoco nisso tudo. De fato, até pouco antes da guerra, vivíamos inteiramente absorvidos pela literatura francesa, a ponto de ignorarmos da maneira mais lamentável as outras, sobretudo a norte-americana. Vindo a guerra, a ausência do livro francês e introdução ampla em nosso mercado do livro em língua inglesa, fez com que passássemos a interessar-nos enormemente por este último. Mas o francês não ficou, apesar de tudo, esquecido. Hoje, quando as edições francesas começam a aparecer de novo em nossas livrarias, acreditamos que não faltará público para elas. Isso não quer dizer que vamos deixar de lado o livro em inglês. Continuaremos a lê-lo com empenho, juntamente com o francês. O que não se dará é apenas o exclusivismo deste último. O francês correrá parilha agora com o inglês e o espanhol, mas sempre vivo em nosso interesse.

ÚLTIMOS CARTAZES

Orlando de Carvalho, um dos mais lúcidos estudiosos de problemas políticos e sociais que possuímos, publica "Política do Município" (ensaio histórico), num volume com capa de Santa Rosa (Agir).

\* \* \*

Quem não se lembra, com saudade de John Barrymore, um dos maiores astros do tempo do cinema mudo? Pois a vida desse astro foi alguma coisa de mais romanesco e mais impressionante do que se pode imaginar. Isso veremos no livro "Esplendor e decadência de John Barrymore", de Gene Fowler, traduzido pelo sr. Raymundo Magalhães Junior e editado pela Globo.

\* \* \*

"Fome de Pão", do jornalista Adolfo Porto, reúne vários artigos sobre problemas concernentes, na maior parte às populações rurais, que o autor muito bem conhece.

\* \* \*

"Rômola", o grande romance histórico de George Elliot, única vez em que a grande pintora da vida provinciana inglesa abordou esse gênero, acaba de aparecer em tradução de Marques Rebelo.

\* \* \*

Uma reedição muito interessante: a dos "Contos" de Maupassant, escolhidos e traduzidos por Mario Quintana e lançada pela Globo. Ler Maupassant é aprender na literatura o que se pode aprender.

\* \* \*

Leitura utilíssima, fácil e sensacional é a do "Diário", do Conde Ciano, ultimamente editado na coleção "Fórum Político", da Editora Nacional, em tradução de Enio Silveira, Nilo Ferreira e Brenno di Grado.

\* \* \*

"De Nápoles a Paris", contos da vida expedicionária, de Celso Furtado (Zélio Valverde), são páginas leves, pitorescas, de interesse documentário sobre o que poderíamos chamar a vida sentimental dos soldados brasileiros na Itália. O autor sabe narrar com singeleza.

**P**ODEM crer no que digo mesmo porque manda Deus que se diga a verdade. Mentir não o faço desde menino, quando cursava o colégio dos padres. É possível que também a falta de imaginação, o hábito do trabalho sobre documentos, a herança do velho avô negociante, é possível que tudo isso tenha concorrido para me tornar assim um sujeito duro, quase violento, que gosta de resolver suas coisas na batata. Inventar, com a sen-vergonhice do sr. Joel Silveira, não sei. Pesa-me nos ombros a responsabilidade e culpa da minha profissão, entendo perfeitamente as fraquezas humanas.

Coloquei-me, assim, desde que me impuseram a obrigação de redigir estas notas, a serviço do que me parece ser a verdade. Pouco importa a cor da pele da vítima. O que me preocupa, e repito mais uma vez, é não trair a justiça que me ensinaram a amar, não transigir, em momento algum, com quem quer que seja. Mesmo o rei, se rei houvesse, eu não o pouparia. Rei não havendo, apesar dos ares pretenciosos do sr. Luiz Carlos Prestes e da sua corte, e não me cabendo por destino qualquer vocação política, restaram-me os suplementos literários — divertimento e trabalho para os domingos.

Sobre os suplementos, pois, é que realizo minha aliança com a verdade. Mas, como a verdade é tudo o mais neste mundo parece pedir provas, organizei também eu, como o sr. João Condé, um arquivo que, não sendo implacável, é pelo menos útil. Organizandoo aprendi que classificar e guardar representa uma arte. Quando nada, um prazer. O consólio, por exemplo, de ouvir o sr. Jorge Amado chamar hoje o sr. Osvaldo de Andrade de imbecil depois de o ter chamado de "mestre" — e verificar que, discordando de si próprio, a coerência não se perdia... Sábio João Condé, sei agora que o arquivo não é luxo, como pensava.

Para mim, que trato com os suplementos, e que os respeito como os srs. Frederico Barata, Jorge Lacerda e Raul Lima, o arquivo é uma espécie de trabuco. Uma arma indispensável nas mãos de um soldado bisonho, como eu. Tendo-o agora, mais fácil será penetrar na floresta e vencer o pobre mundo dos artigos e dos poemas. Vencer, principalmente, a ingratidão dos autores. Armado como estou, posso finalmente zombar dos perigos.

Assim, pois, tranqüilo como um anjo, encontro o suplemento literário de A MANHÃ. Leio as notas, releio a mim mesmo, e acabo me detendo sobre o artigo do sr. Sérgio Millet. Existencialismo é o tema. Uma gravura de Peter Bruegel, no alto, parece demonstrar o que realmente é a filosofia de Paul Sartre. Enfim, puxando-me pela mão, o sr. Alcantara Silveira se coloca diante de Hebbel, escrevendo bem, comentando com segurança. Ao lado, numa entrevista, o sr. Roland Corbisier se despede que ele vai mas é para a França, buscar livros. Enquanto não chegarem, porém, os livros franceses, vejamos os livros argentinos, três pelo menos, na palma da mão do sr. Raul Navarro.

Leiamos os contos, vejamos as ilustrações. O sr. Dalton Trevisan, outro premiado no concurso de "Letras e Artes", exibe suas qualidades. Se bom é o seu conto, extraordinária é a ilustração de Santa Rosa. Bela, sem dúvida, e não menos expressiva que a de Iberê Camargo, esta objetivando um episódio do conto do sr. José Violarra. Mas, recuada a ficção, e passando a nota do sr. Tasso da Silveira que fala de Cruz e Souza, o que prende a atenção é a entrevista do sr. Cassiano Ricardo. São os arquivos do sr. João Condé. Percy Deane ilustra a pitoresca história de sua viagem a São Paulo.

É grande página pelo valor do assunto, aquela dedicada ao falecido e assinada pelo sr. Jo-

se Simeão Leal. O poeta Murlino Mendes, firme, em sua seção de música. Firme também o sr. Batista da Costa. Quanto às artes plásticas, quem brilha é o sr. Santa Rosa. Então, o suplemento, que se diria completo ainda apresenta outra página, de informação literária, enriquecida com pequenas notas críticas.

Finalmente, sobre o grande soneto clássico, a estranha e vigorosa ilustração de Goeldi.

Um traço forte e sensível que superaria, longe, a mostra de Lula Cardoso Aires, no "Correio da Manhã". E superaria, ainda a "mulher de branco", de Iberê Camargo, no mesmo jornal. O suplemento, porém, oferecia mais que ilustrações, mais que o soneto de Baudelaire traduzido pelo sr. Guilherme de Almeida. Oferecia, além da seção do sr. José Condé, e da crônica do poeta Ledo Ivo, e da crítica do sr. Roberto Alvim Corrêa, um conto — um bom conto do sr. Aurelio Buarque de Holanda. Sobre tudo oferecia um artigo magnífico de d. Lucia Miguel Pereira.

Mas para que não faltasse a nota política, um curioso artigo do sr. Otto Lara Rezende que ele próprio denomina de "meditação serena" sobre o integralismo é o sr. Plínio Salgado. Por coincidência, no suplemento do "Diário de Notícias", também, há outro artigo, assinado pelo sr. Fábio Alves Ribeiro, sobre o mesmo assunto. Uma vez acusado de integralista, como fui pelo sr. Mario da Silva Brito, embora não o sendo, quero afirmar aqui que quase me tornei com o artigo do sr. Otto. O jornalista conta uma história comprida, acaba por preferir Carlitos a Napoleão, diz que deseja é sorrir, e afunda na revelação de seus sentimentos pessoais sem, entretanto, esclarecer o leitor porque o integralismo merece ser combatido. Mal lançado, por certo o artigo desse Carlos Lacerda de relativa instrução. O mesmo, porém, já não acontece com o sr. Fábio Ribeiro. Sabendo onde mete o

"TARDE DA LIBERDADE E DA RESISTÊNCIA FRANCESA"

Realizar-se-á definitivamente no dia 1 de outubro próximo, no auditorium da A. B. I., a "TARDE DA LIBERDADE E DA RESISTÊNCIA FRANCESA" que teve de ser suspensa anteriormente por motivo de doença de Anibal Machado. Já completamente restabelecido o ilustre escritor e nosso eminente colaborador, a Associação Brasileira de Escritores reiniciou os trabalhos de organização dessa "Tarde" de literatura e arte que está sendo esperada com o maior interesse nos nossos círculos intelectuais e artísticos.

Além de Anibal Machado, que pronunciará uma conferência sobre a poesia da Liberdade e da Resistência Francesa, participará no ato Henriette Risner-Morineau, que declamará versos dos poetas resistentes e Germaine Sablon, que cantará algumas peças do "Cancioneiro da Resistência".

Michel Simon fará uma saudação dos poetas franceses aos poetas brasileiros e o Encarregado de Negócios da França, senhor Etienne de Croy entregará a Anibal Machado a comenda da Legião de Honra que lhe foi concedida pelo Governo Francês.

UMA ESCOLHA DIFÍCIL

Um grande problema será, sem dúvida, a escolha da equipe de escritores que deverá traduzir toda a obra de Marcel Proust para o português, por iniciativa da Livraria do Globo. Traduzir Proust será, na verdade, um trabalho penoso, árduo, exigindo, não somente capacidade, como também amor. Muitas dificuldades não poderão ser vencidas senão por uma perfeita sintonia com o espírito proustiano. Maurício Rosemblatt, dentro em pouco, nos dirá quais os escritores escolhidos para tão difícil tarefa.

nariz, o colaborador do "Diário", explica com serenidade o demonstra com inteligência seu ponto de vista. Lamentável apenas que, para destruir o sr. Plínio Salgado, cite o sr. Cotrim Neto e não se baseie nos livros do próprio sr. Plínio Salgado. No entanto, se comparado ao do sr. Otto, seu artigo é, sem dúvida, admirável, pela sua penetração e cultura.

Muito bem, digamos agora ao ler a crônica de d. Rachel de Queiroz que, evitando a política, não poupa os médicos. Deliciosa, sua crônica. Um amor de crônica, diria, não estivesse perto do sr. Rubem Navarra, tão gentil, falando de pintura. Enfim, o que vale mesmo uns bons bagaços é o rodapé de d. Vera Pacheco Jordão. Admirável, exclamarci, apontando com o dedo a vivacidade do seu estilo e a erudição bem orientada. O sr. Raul Lima, do lado de dentro, recorda Aluísio Branco, um escritor que, não möresse, seria hoje tão querido quanto seus compatriotas de província e de geração.

O mundo porém, é assim. Morre Aluísio Branco, um sujeito de tuano, e aí fica para a semente, recusado pela própria morte, o tal que desgraça o suplemento de "O Jornal". Não pensem as camaradas que me refiro ao sr. Ernesto Feder, bom camarada, sem dúvida, mas de quebraadeira intelectual pior que a pior pindaíba. Refiro-me, naturalmente, ao que usa presilha no cérebro e, pensando fazer a crítica literária do velho suplemento, faz realmente a melhor terapêutica dos fígados. Como deve gozar o nosso Carlos Drummond de Andrade! Sua poesia, tão séria, julgada assim por um demente! O grave, porém, e que para o poeta pode se transformar no diabo, é que o "louco da Paraíba" descobriu ser ele "também um homem". Exclama, patético, meio nervoso, furejando o ar:

E ele é um homem!  
Água fria, amigo, é boa para estas coisas. Matreiro, ficando em Rul porque só de Rul entende, o sr. Luiz Viana Filho parece desafiar novamente o sr. Homero Pires. Que os baianos se arrebatem que o degas, aqui, vai veranear um pouco na fiação: gostei, é verdade, do conto do sr. Almeida Fischer. Também, gostei, já agora em outras esferas, dos artigos dos srs. Manoelito de Ornelas e Candido Mota Filho.

E, para concluir a viagem sobre o suplemento de "O Jornal", o rodapé — aliás uma péssima sobremesa — do sr. Samuel Putman. Uma pena, sem dúvida, que um sujeito venha de tão longe para dizer coisas que estamos cansados de saber. Fiquemos por aqui mesmo, com os nossos gênios que estes, com a graça de Deus, raramente realizam conferências. Escrever, escrevem. E escrevem muito, como o sr. Pedro Dantas, do "Diário Carioca", que tece como uma aranha impassível as teias de intermináveis "memórias"...

Ora, que estamos agora em face do sr. Portinari, o pintor do Estado Novo. O sr. Antonio Bento, — braba gente essa gente do "Diário"! — enfurecido, falando de "liberdade de criação artística", procura defender a Pampulha que, dizem, é uma igreja tão horripilante quanto os pecados de Du Barry. Se o sr. Bento tem razão, não sei. O que sei é que ninguém pensou em ferir a "liberdade de criação" de ninguém. Apenas o bispo e os católicos mineiros condenaram a igreja. E um bispo, a não ser que o sr. Bento não tenha sido bento em criança, tem também a sua liberdade de escolher a sua igreja. Tranquilize-se o sr. Bento, que o bispo não benzerá a igreja. Desconfiado, talvez experimentado com as incoerências da vida, o bispo cismou com essa história de igreja em forma de panela e, além do mais, edificado por um arquiteto, o sr. Oscar Niemeyer que é comunista e tem lá o seu "carnet".

Em igreja, sr. Bento, quem manda é o bispo.



# "GOETHE MATOU KLEIST"

OTTO SCHNEIDER

OR volta do meio dia de 20 de novembro de 1811, um homem. Dos seus trinta e poucos anos, e uma senhora, ainda jovem, partiram de Berlim rumo aos arredores de Potsdam e hospedaram-se no albergue de Stimming, às margens do Wanssee. Passaram a tarde alegremente. Levaram horas passeando em torno do lago. Apreciaram, embevecidos, a paisagem outonal que se preparava para o inverno já próximo. Depois jantaram, felizes como em plena lua de mel, e recolheram-se aos seus quartos onde levaram toda a noite escrevendo cartas.

Aos primeiros raios do sol do dia seguinte, alegres e despreocupados como na véspera, tomaram ligeira refeição, pediram ao hoteleiro que, daí a pouco, lhes mandasse servir café e rum à margem do lago, um pouco distante, e tornaram a sair.

Não teria passado meia hora quando dois tiros, com breves intervalos, romperam a paz matinal. Na verde relva, aos pés de uma árvore, rante as águas do lago, jaziam dois cadáveres cuja identidade, à mão das cartas deixadas, não foi difícil estabelecer. Sabou-se que a morta era a Sra. Adolphine Vogel. O suicida, em cujo aposento, além de várias cartas, se encontraram uma tradução do "Dom Quixote" e as "Odes" de Klopstock, abertas à página "A morte de Clarissa", era um escritor e dramaturgo então pouco conhecido, e tanto mais famoso depois: o sombrio e enigmático Heinrich von Kleist.

Como explicar o terrível drama? Durante muito tempo, a crítica apresentou as mais diversas interpretações. Não sem razão, porque na realidade o suicida de Potsdam é uma das figuras mais estranhas de toda a literatura germânica. O dramaturgo e poeta de imaginação a um tempo possante e decente, de caráter bizarro e inteligência tão sutil quanto morbidamente torturada, já cometera toda uma série de loucuras antes de recorrer a um desfecho de tal maneira dramático.

Dentre os vários intérpretes houve mesmo quem julgasse Heinrich von Kleist um Werther político. O amor que o levou ao desespero e à morte, teria sido o amor à pátria, essa pátria então subjugada por Napoleão e mais humilhada ainda pelas divisões intestinas do que pelo infortúnio da guerra. Ele amava-a com ardor, ansiava por reerguê-la das ruínas. Condenado à inação, sua impotência o teria impellido para a morte.

A explicação é arbitrária, e não procede. Kleist não foi um místico poeta da morte, como não foi um verdadeiro poeta do amor, ou da justiça, ou da pátria. Foi, isto sim, o vulcânico e incomparável poeta do paroxismo, dominado de verdadeiro terror poético, que nas suas narrativas, poesias e dramas procurava, antes de tudo, um desalago para a sua transbordante imaginação.

O trágico do seu destino, que acabou por levá-lo ao desespero não foram apenas os seus sofrimentos íntimos, mas a pertinácia da pouca sorte em negar-lhe as mais modestas compensações e o êxito confortador, mesmo depois de ter enriquecido o teatro do seu país com obras imortais. Só mais tarde, muito mais tarde, descobriram o gênio do Kleist. A pátria ergueu-lhe um pedestal. Nas grandes cidades há avenidas e escolas com seu nome. Sua casa natal é transformada em

muséu, e o grande prêmio da literatura alemã chama-se "Prêmio Kleist".

Difícil explicar tamanha injustiça sofrida em vida. Mas vejamos.

Em poucos anos de intensíssima atividade, o jovem poeta criou toda uma série de dramas históricos: "A Família Schaffhausen", "Pedro, o Ermitão", "Leopoldo da Áustria" e "Robert Guiscard", sem falar da comédia "O Cântaro Quebrado" e numerosas poesias, Transbordando de projetos e prevendo um futuro glorioso, o jovem Kleist ansiava por encontrar-se, face a face, com Goethe, cuja glória ele ambicionava. Tomado de juvenil presunção declarou a Goethe, um dia, que arcararia à frente de Goethe a coroa de louros.

Em princípios de 1803 realizou-se o almejado encontro. Desconfiara Goethe das intenções sacrílegas? O autor do "Fausto" mostrou-se de uma frieza glacial e castigou o jovem poeta com um desdém soberano. Quando Kleist leu alguns trechos de "Robert Guiscard", a obra prima prestes a estar concluída, Goethe não deu uma palavra. Humilhado, deprimido em extremo, Kleist levou dessa visita a maior decepção da vida.

É sabido que o ilustre escritor o poeta consumado, tinha efusivamente a lobia dos jovens, dos iconoclastas. Igual desprezo mostrou por Hoffmann e seus contos. Kleist inspirava-lhe uma antipatia espontânea. Não pôde

reprimir sua satisfação quando alguém, mais tarde, durante a representação do "Cântaro quebrado", deu um assvio que leu o jovem poeta como uma chicolada em público.

— O indivíduo não estava errado. Eu teria feito o mesmo se as conveniências houvessem permitido — comentou Goethe quando o duque de Weimar censurou, indignado, o gesto de manifestante.

Kleist nunca se refez desse assvio dado por quem, animado de zelo excessivo, nada mais pretendia senão agradecer a Goethe, presente ao espetáculo. "Goethe matou Kleist" tornou-se posteriormente uma frase muito repetida.

Entretanto, justamente essa comédia em versos, "O Cântaro quebrado", que acirrou a luta entre Goethe e Kleist, é o que toda a literatura germânica possui de mais saboroso no gênero.

Kleist sentiu o chão vacilar. Uma vez mais refugiou-se no estrangeiro. Foi primeiro à França, depois à Suíça. Não gostava de Paris. Achava irremediável a atmosfera da grande cidade. Desiludido, acabrunhado em extremo, quis suicidar-se, e só a muito custo seu amigo Pfael pôde demovê-lo da idéia. Não conseguiu impedir, porém, que, num assomo de desalento, Kleist transferisse para o terreno psíquico sua loucura suicida e lançasse às chamas quase toda a sua obra.

"Poucos igualaram-se a Kleist



Heinrich von Kleist, aos vinte e dois anos

"Mesmo nos momentos em que se mostrava alegre, sentia-se que nele residia um sofrimento oculto"

em força, ninguém em sofrimento", escreveu Hebbel.

Nessa fatídica noite de outubro de 1803, enquanto as chamas vorazes reduziam a um punhado de cinza negra toda uma juventude de trabalhos e sonhos, perdeu-se uma das obras primas da literatura universal: o drama de Robert Guiscard, o conquistador normando, fundador e demolidor de impérios, conquistador de Constantinopla, aventureiro sem par que reunia

à sua espantosa bravura e gosto das letras e artes e a paixão das mulheres.

Nada mais expressivo do que o depoimento do velho Wieland que chegou a ver a obra quase terminada: "...Fiquei estupefacto: se os espíritos de Esquilo, de Sófocles e de Shakespeare se reunissem para compor uma tragédia, seria a mesma que se pode esperar de "Robert Guiscard" de Kleist. A partir deste momento, a convicção de que Kleist está predelina a preencher a grande lacuna da nossa literatura dramática que nem Schiller nem Goethe conseguiriam preencher".

Consumada a obra de destruição, Kleist continuou peregrinando pela França e a Suíça e finalmente tornou à Alemanha, fisicamente prostrado, espiritualmente isolado. Como que morto para as letras, aceitou um emprego público em Königsberg. Mas sua resignação durou pouco. Uma vez ainda renasceu o poeta e dramaturgo. Sua obra criadora precipita-se e, em rápida sucessão, aparecem: "O Anfitrião", "Pentecostes", "Catarina de Heilbronn", e as novelas "Michael Kohlhaas", "A marquesa de O", "O Terremoto no Chile", "O Noivado em

São Domingos", e várias narrativas menores. Depois, quando em 1809 a Áustria retorna a luta contra Napoleão, Kleist escreve "A Batalha de Hermann" e, no ano seguinte, "O Príncipe de Homburgo", no dizer de Richard Wagner "a pedra de toque da arte dramática".

Já então a velha angústia atingira o limite máximo. O desejo da morte superava tudo. No dia 21 de novembro de 1811, Heinrich von Kleist mal contava trinta e cinco anos.

"Durante a sua breve existência — escrevem E. e G. Heimann — aflora alguns amigos que mal presentiram seu valor, ele (Kleist) só encontrou incompreensão e desdém. Cinquenta anos depois de sua morte, continuava um pária. Infortúnio tão persistente não se explica por simples azar. O crime de Kleist foi, sem dúvida, ter desagradado ao ilustríssimo, ao todo-poderoso, que então reinava, do alto do seu Olimpo, sobre as letras do mundo; Goethe. No dia em que esses dois semi-deuses se enfrentaram, travou-se uma luta sem piedade, sobre as letras do mundo; Goethe. No dia em que esses dois semi-deuses se enfrentaram, travou-se uma luta sem piedade, sobre as letras do mundo; Goethe. No dia em que esses dois semi-deuses se enfrentaram, travou-se uma luta sem piedade, sobre as letras do mundo; Goethe.

Nessa luta, Kleist sucumbiu. Mas que isso sobre a sua obra pesou quase um século de silêncio.

# "...E SHELLEY"

(Conclusão da 1.ª pag.)

bound". E sendo Eliot não apenas o maior poeta de língua inglesa em nosso tempo mas também o crítico literário de maior influência no mundo anglo-saxônico — Shelley estava julgado: a sua poesia afundou-se numa onda de hostilidade assim como o seu corpo se afundara nas vogas do golfo de Livorno.

Os europeus continentais não tomaram conhecimento dessa "revisão dos valores". Protegeu-os contra o erro uma força maior do que o poeta e crítico Eliot: a palavrinha "e". Shelley ficou considerado como o "Byron menor", e logo como maior do que Byron, porque o aristocrata desdenhoso era menos simpático às mocidades soltas de 1920 do que o "dionisíaco" Shelley que passara a vida embriagado de amor e poesia. Enfim, a vida de Shelley passou a ter maior significação do que a sua poesia, e Maurois escreveu-lhe a biografia na qual não se refere de maneira alguma à obra do "Ariel". Mas a vida de Shelley só é compreensível em função da sua poesia. É mesmo típica dos românticos essa confusão entre vida e poesia, e quando se tenta separá-las, resulta — conforme o ponto

de vista — um egoísta antipático ou um "belo monstro". A poesia inspirava a Shelley todos os passos na vida, e abstraindo-se daquela poesia a vida de "Ariel" torna-se biografia de um louco.

Mas isso passou. Os estudos biográficos de Herbert Read conseguiram limpar o poeta de várias manchas, revelando que ele não foi um monstro nem um anjo e sim um homem, embora homem de estirpe prometéia. O poeta modernista e socialista Stephen Spender, não in-

## "DOZE HISTÓRIAS CURTAS"

Depois de "A Escolha", romance que foi saudado pela crítica como uma auspiciosa estreia, o jovem escritor fluminense Xavier Placer aparece agora com um livro de contos "Doze Histórias Curtas" (Livraria Agir Editora). É uma obra que reafirma o êxito de "A Escolha" e o nome de Xavier Placer como figura de primeira linha da geração nova.

Nesses contos tão bem construídos, dispensando o pitoresco fácil, o autor procura antes de tudo, a fixação artística das paixões humanas. Não se trata de um apressado. Xavier Placer trabalha laboriosamente a matéria plástica do conto. Dando nos páginas excelentes não só pela concentração de vida, como pela segurança do estilo. Agilidade com honestidade e consciência artística, ele já nos dá hoje, com os seus dois primeiros livros, a garantia de uma bela carreira literária.

sensível aos valores poéticos de Shelley mas embaraçado pela crítica de Eliot, fez uma tentativa de salvar Shelley, chamando a atenção para os valores permanentes da sua ideologia: pelo menos o libertador, o Prometeu, seria poeta para o nosso tempo. Mas a marcha da revisão não parou aí.

O "dernier cri" da crítica anglo-saxônica é a revalorização do romantismo pelo americano Joseph Warren Beach: o Prometeu agrilhoado da poesia romântica voltou a ser libertado. As "revisões de valores" tradicionalmente consagrados em favor de estilos esquecidos ou injustamente desprezados são necessárias; mas por que seriam sempre em detrimento de outros estilos inconfundíveis? Será impossível admirar Milton e Shelley ao mesmo tempo? É muito possível admirar Donne e Shelley ao mesmo tempo. "Byron e Shelley" é um absurdo; mas "Donne e Shelley" ou "Keats e Shelley" é razoável. Será possível acrescentar à afirmação de qualquer outro valor da poesia inglesa um "...e Shelley". Dêste modo, levanta-se de novo das vogas da incompreensão a cabeça angélica do poeta inglês Shelley: "Anglus et angelus"



**C**OMEÇOU a tremer desde o momento em que recebeu o telefonema. Haviam dado pela sua fraude. Isto é, não era bem uma fraude. Isso se fazia muito comumente. Havia até tradutores que perpetravam verdadeiras condensações de livros de respeito, de alta cultura. Como aquele célebre "best-seller" que serviu até para uma grossa polémica entre vários causídicos da cidade. O que ele fizera foram alguns cortes sem importância, frases redundantes de pouco interesse para o leitor. Fôra mesmo um favor, um ato de bondade, de magnânima bondade ter feito os cortes. E agora aquele telefonema. E logo de quem? De um sujeito que podia lá ser um bom comerciante de livros, não havia dúvida, mas um rematado ignorante de coisas de cultura, do espírito.

O chefe rompeu o seu círculo de fogo:

— Bom dia, jovem.

— Bom dia, doutor.

Ah! o chefe viera mesmo a calhar. Ajudara-o a botar o pensamento em coisas muito mais prosaicas, mas apaziguadoras.

Mas na hora de acertar as coisas ele saberia mostrar a todos aqueles imbecis que a tradução estava era muito bem feita. Bem feita e — isto sim — muitíssimo mal paga. Ou queriam eles uma obra de arte em troca daqueles poucos cruzeiros que lhe pagaram? Pois sim!

Novamente o chefe emergiu-o:

— O senhor acertou aquele catálogo?

— Sim, doutor, acertei. Botei-o depois naquela estante, a 12.

Catálogo... Bem, sempre é melhor do que ser explorado em trabalho de pensamento, de inteligência. E melhor pago. Chegava, assinava o ponto, ficava remanchando por ali, e pronto. No fim do mês eram 3.000 cruzeiros redondos. Engraçado: na sua verdadeira vocação era um — vá lá! — incompreendido. O tempo enorme que levava, despesas com dicionários, papel, aluguel de máquina. E as consultas a bibliotecas sobre citações obscuras do livro? Havia uma até que devia ter sido "bluff" do autor. Não encontrara nada sobre o porco de Ganaredo. Enfim, um trabalho insano. E agora aquele telefonema. E que telefonema! "Olha, você dê um pulinho até aqui para ver uns saltos que o revisor encontrou, está bem?"

O revisor! Vai ver que é um garoto de colégio querendo se mostrar ao patrão, ou tentando mesmo um aumento de ordenado. A casa paga tão pouco aos que lhe servem... Que é que um molecote podia saber de literatura! Os cortes eram mais do que necessários para o leitor apressado de hoje. E econômicos para o editor. Quanto não ficaria mais barata a im-

# CULPADO!

Conto de ADALARDO CUNHA

(Classificado no Grande Concurso de "Letras e Artes")

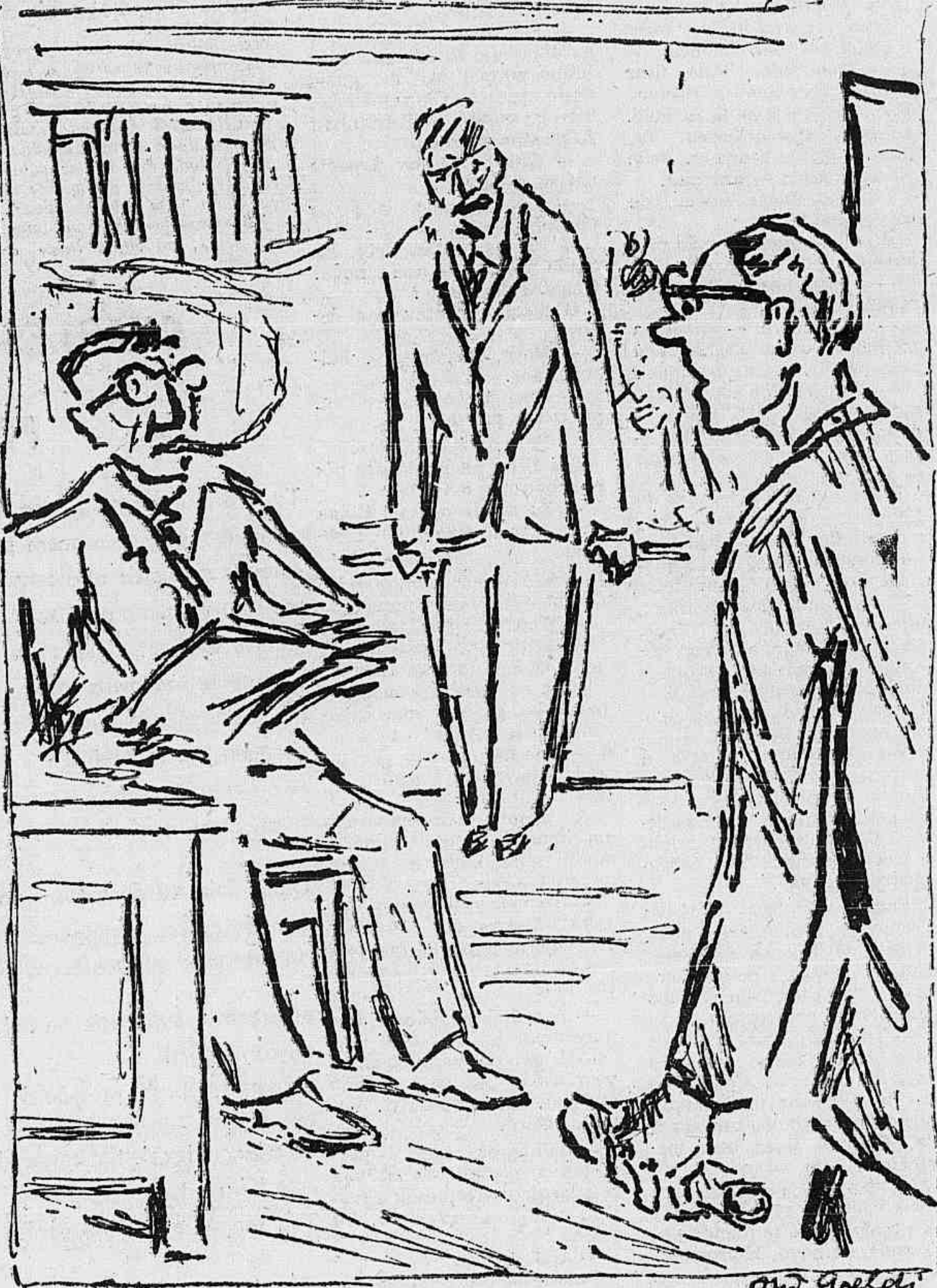


Ilustração de OSWALDO GOELDI

pressão do livro! Umhas 50 ou 60 páginas a menos... E sem prejuízo para o leitor, está visto, que teria toda a materia principal do original intacta. O que tirara eram idéias repisadas pelo autor. E até mesmo enfadonhas.

Outra vez o chefe:

— O senhor está sentindo alguma coisa?

— Não, doutor. E' que dormi mal esta noite.

Por que mentira? Bem... as coisas têm de ser levadas assim mesmo. O chefe nunca que compreenderia o seu problema. Se é que aquela bobagem pudesse ser considerada um problema. Verdade que aquele salto de 12 páginas foi audacioso. Mas o inglês estava tão difícil naquele trecho que ele temera, por escrúpulo — sim, por escrúpulo! — traduzi-lo errado. Contudo, o revisor não poderia pegar o salto, pois não partia o sentido na ligação. Só se foi aquele outro (o gerente havia dito "uns saltos"). O da morte da mãe do proprio autor. E andava muito certo em cortá-lo, pois o leitor have-

ria de sofrer muito com o episódio, tão lancinante estava exposto... Revisor besta!

Entrou. Os olhos por trás dos óculos dançavam nervosos. A boca cerrada não alargava as rugas das commissuras, que podiam traír o seu sentimento de culpa. A telefonista e a dactilógrafa tinham um sorriso irônico pendurado nos olhos. O gerente estava telefonando e não pôde sorrir-lhe como ele esperava. Então todos já sabiam. Fôra desmascarado. Proclamara-se tradutor criterioso, diferente dos medalhões que pegavam os originaís e davam para mocinhas protegidas traduzirem, assinando depois a versão. Aparentara mesmo ao gerente um hem conhecido. E agora ali estava ele, certo, certíssimo da sua culpa, à mercê de uma telefonista cretina e de uma dactilógrafa estúpida. Que sabiam elas de literatura, principalmente de literatura inglesa?

O gerente tampou o fone com a mão.

— Olá! Escuta, o nosso re-

visor disse que encontrou, sem querer, uns saltos na sua tradução. Vá até a sala de revisão que ele lhe mostrará. E' por aquela porta.

E voltou ao telefone.

— Aquela porta! Era só abri-la e todos voltariam o rosto para observá-lo. A ele, o tradutor criterioso! O tradutor sem escrúpulos, é o que diriam. Sem um pingão de critério. Saltar daquela maneira!

— Vim ver os pulos...

Não era para menos. O sujeitinho era aquele mesmo, de óculos "softlite". Naturalmente para amenizar-lhe a burrice.

— Faz favor, sente-se.

Sentar. Então ele não percebia que naquela conjuntura a única posição apropriada era a de pé?

— Não, obrigado. Estou muito bem assim.

Tirou um maço de cigarros e ofereceu ao sujeitinho, que se serviu de um. Guardou o maço. Depois lembrou-se de que não tirara o dele e voltou a trazer o maço para fora. O incidente encabulou-o porque os outros sorriram.

— Os saltos estão assinalados aqui no olho.

— Olho ou página falsa? A petulância do sujeitinho explicando:

— Página falsa ou olho, é a mesma coisa. Nós aqui, por comodidade, dizemos olho. E' mais rápido, sabe?

— Ahn...

O revisor acendeu-lhe o cigarro pendente morto dos lábios.

— Obrigado. Como é que o senhor deu pelo salto?

— Pelos saltos?...

— Sim, sim...

— Os nomes dos personagens estavam grafados de vários modos, e, ao me reportar ao original...

Aí estava! Então ele tinha razão. Aquele sujeitinho nunca que descobriria o salto (os saltos...) se não fosse por causa dos nomes grafados errado.

— Mas nós, os tradutores, nos permitimos tacitamente esses cortes, para melhor entendimento do leitor. E, diga-se de passagem, o nosso leitor é preguiçoso demais para apreciar isso que é, para o leitor americano, quasi uma necessidade.

— O senhor já esteve nos Estados Unidos?

— Ia dizer que sim, mas lembrou-se logo de que o gerente o conhecia bem e confessou:

— Não. Mas isso é óbvio...

Com aquele "óbvio" acachapara o sujeitinho impertinente. Depois fez-se de preocupado e pôs-se a virar e desvirar as páginas do livro. E mentiu:

— Eu era capaz de jurar que traduzi este pedaço aqui. "The man... death... his mother..." Quem sabe as páginas se perderam por aí?

Mas não. A numeração das laudas da tradução estava certa: 29, 30, 31, 32... O silêncio do revisor quase o irritou. Percebendo o estado de espírito do moço tradutor, o outro ductilizou a tensão:

— O senhor sabe por que o porco anda de cabeça para baixo?

Não sabia.

— E' porque tem vergonha da mãe ser porca.

Não riu. Disse apenas: "E' boazinha" e continuou a fingir que estava interessado no livro. E remoia-se. Sujeitinho mais estúpido!

— Sente-se.

— Obrigado. Não quero. Estou bem.

As frases saíam-lhe pontuadas.

Um outro revisor acercou-se para abreviar aquela complicação proposadamente longa.

— Este salto corresponde à página 35; este outro à página 83. Este aqui...

Cretino! Intrometido!

Então não via que ele estava mesmo prolongando aquilo para ter tempo de de assentar as idéias? Que fosse ajudar o diabo!

— Quer um cigarro?

O 2º revisor disse que não. Não fumava. E lá se foi o maço novamente in-

(Conclue na 15.ª pag.)



# CRIANÇAS

## POETAS NOVOS DE FRANÇA

Conto de NELY DUTRA

A CADEIRA era alta demais e as pernas da menina estavam balouçando. Comia abacate, fazendo de quando em vez, arabescos no ar com a colher vasia.

O gosto da fruta era melhor do que o da merenda que levava para o colégio. "Mas a merenda é tão boa! Marina todo o dia pede um pouquinho" estava pensando Lili quando o primo entrou.

Espigado, com cabelos crespos e escuros, meio curvado ao péso dos livros, e o boné relaxadamente jogado para trás, ele falou:

— Ó, Lili!

A menina nem sequer o olhou. Continuou brincando com a colher vasia.

Beto atirou os livros na mesa do meio da sala e puxando uma cadeira sentou-se calado. Abriu um caderno com a bandeira nacional na capa e resmungou aborrecido porque o lápis não tinha ponta. Procurou uma lâmina numa latinha velha.

A menina estava olhando:

— Tu vai te cortá, Beto.

— Não tem mais abacate? — perguntou o menino, fingindo não ter ouvido o comentário da prima.

Lili encolheu as pernas e respondeu zangada:

— Não tem. Já comi tudo.

— Puxa! Tu vais te empanturrar.

— Não tens nada com isto. Tomo purgante depois. Mas falou tão estavadamente que o prato caiu no chão.

— Rápida, pulou da cadeira e agachada, as pernas górdas vestidas com meias cinzentas, meteu o dedo num pouco de creme que ainda restava num dos pedaços da vasilha quebrada. Lambeu-o satisfeita e virando-se para o primo disse muito altiva:

— Viste? Comi tudo.

— Bem feito. Quebraste o prato. E a tia Ondina vai te dar uma sóva porque sujaste o chão. Bem feito.

A menina avançou e bateu-lhe na mão que segurava o lápis:

— Nojento. Se tu não tivesses chegado eu tinha comido todo o meu abacate.

Corriam-lhe lágrimas. E fungava repetindo: Nojento.

Beto segurou-lhe as mãos e sacudiu-a com violência.

— Malcriada. Vais ficar gorda e feia como a Marina. Vão fazer troça de ti, na aula. És bobalhona e feiosa. Vamos — gritou zangado. Pede perdão. Anda — ordenou.

Lili continuou calada, de cabeça baixa.

Beto bateu-lhe na mão com a régua.

— Agora na outra. Prá aprender.

— Não choro — disse a menina. Tu me pagas. Vou rasgar todos os teus desenhos.

— Nunca! Por causa disto vais apanhar mais. Senta — empurrou-a para a cadeira — jura que tu não vais pegar os meus desenhos.

Lili sabia que o tesouro de Beto eram os desenhos, Chamavam de ninho (gostavam muito de mistérios e não queriam que alguém entendesse as suas combinações e brincadelas), o buraco da parede, no porão, onde o primo escondia os cadernos escolares aproveitados para desenhar. Havia retratos dos tios que moravam na fazenda e do cavalo baio que puxava a carroça. E até a carinha miúda da prima, com olhos verdes, franja e cabelos lisos. Beto desenhara a prima e troçara muito: "Teu cabelo parece piaçava".

Folhas e folhas de riscos vermelhos, azuis, verdes, amarelos. O tesouro de Beto. Lili sabia mas a mágua era mais forte do que o carinho que sentia pelo primo.

— Tu és tão bruto que vais ficar pequenininho como o anão da história. Cada bôlo vai te diminuir um pouquinho — e continuou ameaçando. Quando fôres bem menorsinho que eu quero vê se podes me bater. Nunca mais quero te vê, Vou pedir prá mamãe que te mande prá fazenda, de novo. E promete: Quando eu ficar grande me caso com o Cláudio. Ele é bonito. Corre mais ligeiro que tu.

— Bonito, não — contrariou Beto. E' feio. Parece um ovo de Páscoa. Tu vais casar comigo.

Abaixou-se para beijar a cabeça da prima.

— Foi só de bobagem que eu disse que tu és feia. Tava brabo porque não me guardaste abacate. Olha prá mim. Tu és a minha mulherzinha? A menina sorriu:

— Quando é que a gente vai se casar?

— Ué. Quando a gente crescer.

— Faz as contas, Beto. Eu tenho sete, tu tem nove. Quantos anos são?

O menino contou nos dedos.

— Nove, dez, onze... Falta 12 anos.

— Posso te beijar? — perguntou a prima.

— Pode. Só uma vez.

Lili ficou na ponta dos pés e beijou-lhe o nariz.

— Tu és tão bonito! Deixa eu passar a mão no teu cabelo?

— Não. Agora vamos andar de balanço. Vem, ordenou.

— E o chão? Está tão sujo! Vou pedir prá Julia limpar antes que a mamãe chegue. Ela foi no médico com o papai. Vou ganhar uma irmãzinha. Tu sabias?

— Não me importo. Vamos andar de balanço, anda. Senão fica tarde.

A menina não reparava na impaciência do primo, e muito séria, cheia de ciúme, perguntou-lhe:

— Tu vai gostar sempre de mim? Mesmo que a irmãzinha seja mais bonita que eu?

— Só gosto de ti — garantiu Beto.

— A mamãe só fala nela — queixou-se Lili. Todo o dia.

— E' sempre assim quando vem irmão prá gente. Não faz mal. Eu gosto de ti. Vamos ligeiro.

— Se tu gostas tanto — prometeu a menina — eu vou brincar de mulherzinha e marido contigo, lá no porão. Tu queres?

— Quero, sim.

Passou-lhe o braço pelo ombro.

— Tu tá crescendo ligeiro, Lili. Vamos apostar quem chega antes? Mas as últimas palavras já foram ditas enquanto corriam para o jardim.

"Poesie 43", publicação francesa, lança o seu primeiro tomo — "Poètes prisonniers". Apresenta-o Pierre SEGHERS, advertindo logo que não se trata de um grupo de escritores, senão de novos poetas.

Para estes fieis cantores da "vie recluse" a poesia é a noiva, a mulher, a esperança, a verdade, que os consola ou fortalece, escreve Seghers.

Neste volume de cento e poucas páginas, aí estão reunidos, os que sofreram a carne, o flagelo nazista, unidos pela identidade do tema: — o amor, a mulher, a criança, o lar sempre distante, o tempo a prece, o homem que luta se dilacera... o prisioneiro.

CHARLES AURAND revela-nos um temperamento forte, uma personalidade escultural. Sua poesia penetra a cada passo, a simplicidade das linhas sóbrias de um bloco, bloco de vida, na como ele mesmo afirma de sua amada "pura e calma" tão natural como "um cubo de vida".

Surpreende-nos com imagens audaciosas largadas, espontaneamente, no ritmo largo e poderoso como sua própria inspiração.

## CHARLES AURAND

### POEMA

Tu, crês que no meu sono há pirâmides,  
pirâmides que se erguem para a noite,  
estáveis cabos de alta tensão,  
mais duras que o granito  
tu crês que esta solidez me limita  
e se apoia nos meus ossos  
na interseção de meus ossos  
afogada nos músculos  
tu crês no meu sono e vigílias endurecidos por uma couraça  
tu crês que sou forte  
Quero falar-te do sofrimento  
quando nossas lâmpadas abafadas se apagam  
quando teus olhos glaucos como as águas dos mares do norte  
emergem à superfície da pele  
da carne dócil  
e nem percebes a pressão da frente que adormece no meu ombro  
ou a languidez de tua carne identificada à minha  
esta hora é tua  
Teu sangue estua tão dentro do meu que em certos momentos duvido

da existência de barreiras  
limites  
obstáculos  
e permaneces calma e pura  
natural como um cubo de vida  
quando te chamo com a voz de minha alma  
e a alma por sua vez se acalma  
ignoras o sofrimento  
e na limpidez verde de teus olhos  
tua doçura ultrapassa a minha sede  
Quero falar-te do sofrimento  
Quero falar-te do meu sofrimento  
lâmina de aço que te contem e mais te condensa  
que envolve de sombra tua luz  
Quero que tua boca sinta minha respiração cortada  
o ritmo cortado de minha vida  
a cadência cortada do sangue em minhas veias  
nas artérias vermelhas como os desejos que me fizeste esquecer  
quero falar-te de minha sede e de minha fome  
desta ternura tão tua  
desta doçura tão tua  
ondas mansas na frente  
de tuas mãos calmas à frente  
de tua frente calma de minhas mãos pesadas  
de tua pureza à minha febre,  
Um dia hei de falar-te de meu sofrimento  
e o frio do mar me separará de ti

(Tradução de Cláudio Teyares Barbosa)

## Curiosidades literárias

### ★ Alfredo Pujol e "A Carne"

Um trecho do famoso artigo em que Alfredo Pujol desancou a "Carne", de Julio Ribeiro:

"A Carne" no seu conjunto — escrevia ele — é um livro desonesto. Há ali a harmonia de um raro estilo; há descrições magestosas; há períodos coruscantes, frases potentíssimas; há palavras de uma sonoridade encantadora; palavras que falam, que choram, que cantam; há coloridos vigorosíssimos, esbrazeados, relampejantes. Mas a banalidade dos tipos é deplorável; o todo é chocho, pulha, reles, pornográfico, chato, sem uma direção estética, sem unidade psicológica, sem arte, sem verdade, sem honestidade".

### ★ Duas concepções de romance

Numa carta a George Sard, Balzac definia admiravelmente a sua concepção de romance e a dela.

"A senhora procura pintar o homem como ele devia ser; eu procuro-o tal como é."

Creia-me que temos razão nos dois. Os dois caminhos

conduzem ao mesmo fim. Gosto mais dos seres excepcionais e eu mesmo sou um deles. Preciso deles, aliás, para fazer sobressair meus tipos vulgares e nunca os sacrifico sem necessidade. Mas esses seres vulgares interessam mais a mim do que à senhora. Eu os amplo e os idealizo, em sentido inverso: no da sua fealdade, de sua estupidez. Dou às deformidades proporções assustadoras e grotescas. A senhora prefere não ver as coisas e os seres que lhe causam pesadelos. Idealizar no bonito e no belo é obra própria da mulher".

### ★ Um julgamento de João Ribeiro

Num pequeno artigo no "Imparcial", em 1919, sobre Eça dizia que o romancista português nada construiu, mas demoliu alegremente, dando o mais belo ritmo às ruínas que esboroavam". Acrescentando pouco adiante:

"Suas obras de edificação são fastidiosamente mediocres".

### ★ A precursora do romance brasileiro

A primeira romancista bra-

sileira, ou antes, a precursora do romance brasileiro, passa por ser Tereza Margarida da Silva e Orta, nascida em São Paulo em 1712 e autora do romance "Aventura de Diofanos", em que imita o Fenelon do "Telemaco".

### ★ Como Lawrence escrevia um romance

"Estou avançando bastante no meu romance — escreve D. H. Lawrence numa de suas cartas. — Por ora o mundo verdadeiramente para mim é o de minha alma a refletir-se no romance em que trabalho. O mundo exterior pode ser, no máximo, suportado".

### ★ A modéstia de Mario de Alencar

Numa carta a Hermes Fontes, publicada há muitos anos numa revista literária, Mario de Alencar dizia: "A minha fortuna literária vem dos meus amigos que, com o seu talento e sua simpatia em relação aos meus escritos superou o apreço do público. É por eles que ainda continuo os meus sonhos de escritor e prossigo no esforço de que afinal resulta minha obra minguada."



# VISTA PARCIAL DE ILHA DAS CABRAS

(A BANDA)  
DANTAS MOTTA

O maestro Capitão Martinho dos Mares Guia, da Corporação Musical "Santa Cecilia", de Ilha das Cabras, Estado de Minas Gerais (Estrada do Ferro Oeste de Minas), sentenciou, num dos costumeiros ensaios que faziam e som dos instrumentos embocar pelo Baco de Siá Elisa e ir atarantar os ouvidos do Tabetião Simplicio, às voltas com uns vômitos secos que não cessavam nunca:

— Esta banda precisa ter uniforme.

E calou-se, naturalmente numa atitude de quem espera pelo próprio efeito das palavras.

Lolô, o clarinetista, para quem tudo no mundo está errado, atalhou-o, incontinenti, dizendo:

— Mas precisa ter uniforme como, senhor? Quem sabe se o senhor acha que para a gente ter esse tal de uniforme basta só falar? Não, hom'essa.

E se recolheu, triunfante, esperando também pelo efeito de suas palavras. Entanto cada qual, como acontece com referência ao Brasil, entendeu de dar lá seus "palpitezinhos", à exceção do Janjão Cachoeira que, durante a tertúlia, permaneceu quieto e absconso, fiel ao seu bumbo, por sinal que dando ares de quem sofre de laringite, em consequência de um pedaço de cachimô ou saco de estopa velha que lhe amarraram ao pescoço para sustentar um dos pratos.

E Lolô, verificada a sua "re-entrê" em cena, de novo des-tramou o papo, que esse é o seu fadário; "Ti'Abê", do bombardino, conversava em segredo com Juquinha, o solista, a um canto da sala; Mitridates arengava sugestões; Apgaua desenvolvia considerações, enquanto Atualpa, o dentista, do piston, gesticulava, malcriado, devolvendo uns apôdos com que Lolô, o reclamador, o indefectível, o inefável, enfim o clarinetista, o brindara, fazendo-lhe abstração do aditivo Dr., quando Dos Mares Guia, Capitão de longo curso da Guarda Nacional e maestro da Corporação Musical "Santa Cecilia", de novo sentenciou:

— Bom, bom, toquemos a valsa "Danúbio Azul".

Tralá, lálalá, tralá... E outra vez o som dos instrumentos, até então acomodados na batalha de Canes, se imiscuindo pela viela escura e colonial de Siá Elisa acima, foi dar de encontro aos ouvidos do Tabetião Simplicio, desta feita, porém, mais suave, coisa que em geral não se verificava, mormente se o ensaio é iniciado com o dobrado "Cap. Santos Gardoni".

E entre a valsa intitulada "Danúbio Azul" e o sossego infinito da noite por Ilha das Cabras, parecia que o Tabetião Simplicio, no fundo de sua cama, a bengala com que esborda a porta do quarto chamando por alguém, ao lado, dava os últimos aprestos para a longa viagem em busca da Eternidade. Apesar do sossego, tudo indicava que ia chover. O vento, erguendo os papéis pelas esquinas e pelas ruas, amortecia o calor abafado. Simplicio estava nevoento. Seus olhos tinham cataratas. De fato, nessa noite a vila se entristecera como quê. O tabelião, envolto em crepe, transmitia à mente do pessoal de Ilha das Cabras um sentimento de bandeira a meio pau. Alguns mariscos, de longe em longe, aclaravam, num átimo, os ares toda transitando, as casas, as coisas, tudo. Mostravam mesmo, do outro lado do rio, o casario branco de Dona Sinica. Depois se fechavam e, de novo, tudo se confundia na escuridão.

— Como vai o homem? perguntava também alguém na escuridão.

— Mal, responderam duas velhas, sempre à cata de motivos para destroncarem os beijos através os longos repostos.

— Não melhorou nada com os remédios do Dr. Fulgêncio Martins? — atalhava outro.

— Quer saber de uma coisa, "seu" compadre?

— Ahn... — Pois pierou o muito, disse-o num tom de quem pretendia descer os últimos degraus da escada.

No casarão do Simplicio havia sossego e paz de pés pelo assoalho. A ginástica com os vômi-



Ilustração de LUÍS JARDIM

tos, durante uma tarde inteira, lhe fora por demais penosa. E por isto, o que é bastante, e mais em virtude de um drástico que o farmacêutico, por detrás da porta, lhe ministrara, está agora ressonando estúpida e agitadamente. O desenlace é esperado a cada passo. Há também alguns soluços espaçados no corredor contíguo ao quarto e que se amudaram, daí pois que o padre entrou conduzindo o viático e os apetrechos exigidos para o ato da Extrema Unção. Mas tais soluços, verdadeiras emissões sem lastro com o que desejavam transmitir aos circunstantes qualquer coisa que cheirasse a sentimento, podiam ser taxados de "bêstas". Em verdade, a doença, longa demais, de há muito preparara a família para receber os espasmos do Tabetião Simplicio com a morte.

Enquanto, porém, isso se passava na Rua de Cima, no sobrado-casarão do Tabetião Simplicio, já o ensaio, na Rua de Baixo, terminava pateticamente com os derradeiros sons da valsa "Danúbio Azul", sem que o maestro Capitão Martinho voltasse às cargas com aquela história de uniforme. Mas verdade seja dita: o Capitão sempre foi irredutível nos seus propósitos. E os seus decretos jamais deixaram de trazer o cunho, o selo, a marca da irrevogabilidade. Essa característica é a adquiriu no trato com os homens da própria banda. Das 15 figuras que a compunham, nove lhe eram filhos. Apenas Lolô, o clarinetista, era, no dizer de muitos, a "ovelha desgarrada". Todavia se relutava no princípio, com algumas incursões até o meio, logo cedia no fim, depois de alguns circunquios e vários circunquios. Essa condição da reclamador, porém, não a julgues que nascia do fato de ser ele por ventura algum músico excelente. Oh! não, vinha-lhe da circunquios de ser o único clarinetista da banda, a qual ele explorava e convenientemente.

No dia seguinte, ali por volta das 7 horas da noite, Simplicio, mal e, como sempre, nas últimas, alguns, raros músicos vão se achegando da porta da casa do Maestro-Capitão.

— Boa noite.  
— Boa noite.  
Etc.

E entre ditos xistosos e também alguma brincadeira sem graça, aguardavam o instante em que deveria ser dado início ao ensaio. Zê Anísio, retardatário, já chega filando fogo para acender o seu tóco de cigarro. E o Tabetião, segundo as últimas notícias que chegaram por intermédio de uma das cantoras, mal, O último entêro a que assistira e acompanhara enlameado numa ópa roxa e empunhando uma tocha sem vela, o deixara aterrorizado. Chegou mesmo a comentar com o Juiz:

— Rixórra, Doutor, a gente faz tanto sacrifício para viver e quando chega no fim, em que tudo nos faz crer poderemos descansar decentemente, surge uma banda dessas...

Todavia estava nos planos do Capitão Martinho, por força de um pedido que lhe fizera nas vésperas o Presidente do Diretório do futuro P. S. D. local, interromper os ensaios até que o Tabetião Raul resolvesse uma coisa ou outra. O suposto ensaio, dessarte, possuía outros objetivos, mais transcendentes, aliás, e ninguém mesmo poderia sequer perscrutar os secretos desígnios que se aninhavam em forma de cône no cérebro do Maestro-Capitão.

Reunidos todos na sala própria, com alguns buracos e uma folhinha do Moinho Inglês Sociedade Anônima, pendendo da parede, bem como, de um prego no portal, o almanaque das Pillulas do Dr. Ross, que transmite aos velhos hábitos do Capitão as variações do tempo, o sobredito Capitão distribuiu a cada músico uma lista encimada pela sua longa e larga rubrica e em que se pedia um adjutório para a compra do uniforme. A cada um deu o prazo de trinta dias para a apresentação das respectivas listas e foi logo dizendo:

— Segundo me informou o meu genro que, como os senhores sabem, é alfaiate, cada uniforme fica em trezenzinhos cruzeiros. Mais o bonê, cinquenta e cinquenta. Dentro, pois, de dois meses, a banda, uniformizada e pertencente ao partido dos Maragunços, hoje de cima, estará apta a satisfazer as exigências do progresso do lugar.

Lolô quis apresentar sugestões, mas o Maestro Capitão foi pe-

remptório:

— Não adianta, somos a maioria. Caso o senhor não esteja de acôrdo, por favor escafêda-se. Por causa de clarinetista, não: mandarei buscar um que quer vir para cá em... Pouse Alto.

E dispensando os circunstantes, justificou tal dispensa, valendo-se de dois motivos que me pareceram plausíveis: o primeiro atinente à moléstia do Tabetião Simplicio, com o que Lolô, mais outra vez, não concordou, alegando, entre outras coisas, que ele, além de não ir à missa aos domingos, sendo um imcio, um heréje, perseguiu, enquanto pôde, a banda. "Pois que vá para os quintos dos In'ernos esse gafanhoto das costas tortas, antes mesmo de vomitar o restante dos bofes que lhe sobram".

Acresce que o Maestro-Capitão, impassível, passou a cuidar da segunda parte de sua bem clara "exposição de motivos", entre-meando-a de algumas considerações judiciosas e oportunas: "nada há mais que ensaiarmos".

"A parte mais difícil, compreendida pelo "Kirie" e pelo "Credo in uno Deo", pertence ao conjunto do Maior Benfica, e é do conhecimento de todos. Quanto ao restante: o dobrado de rua será o "José Bias", da lavra do Maestro Perroni; para os leilões dois galopes, um fox-trot, um tango e o samba "Requebra Mulata", de autoria do meu filho Lolô (movimento geral de atenção), e composto expressamente para a "Hora da Saudade".

A darmos crédito, porém, à maledicência alheia, temos que convir não ser de Lolô aquele samba elementares e irrecusáveis princípios, abundar na opinião de Zequinha Amândio, clarinetista da banda fronteira, e que diz, sem tergiversações, ser o dito samba de autoria de um tal Calimério, morto por ocasião da "hespanholada", na dispensa da casa do Lolô.

E comentava o Zequinha, aliás com certa graça: "O diploma de compositor do Lolô veiu pregado nas costas de um atestado de óbito".

Trinta dias vagaram com as listas os abne'ados músicos da "banda". Todas as casas, as da

cidade e as do campo, foram varajadas pelos 14 músicos e farejadas pelo Lolô. Aliás, por um dever de justiça, em mim sempre inato, desejo consignar aqui um reparo: Lolô nesse particular de pedir nunca deixou de ser jai-toso. Sem querer, e subrepticamente, alterou os planos do Capitão e, nas estradas livres que derivam da Serra do Mirantão, do Xamboti, do Parrecida, etc, frente às casas dos caboclos e com o olho matreiro voltado para os pintos, galinhas, porcos e leitões, engenhou também a realização de um feilão, tendo em mira o produto das arrematações, com o que pudesse, sem maiores delongas, suprir as possíveis deficiências das listas. A noite, de regresso, trazia lá uma ou outra galinha, um frango, uma meia dúzia de ovos.

— Uái, Lolô, você está virando comprador de galinha agora?

— Virei sim senhor. Que é que vocês têm com isso? Não pude não?

Excusado seria dizer que o leilão se realizou, rendendo, ao todo, com algumas caixinhas de segredo, um pito de barro, dois bicos de mamadeira e uma garrafa de óleo, esta última pendente da asa de um vaso, um conto e cinquenta mil réis. Mais uma vez venceu a pertinácia do Maestro Capitão.

Severo, que fazia o trombone de primeira, já sonhando com o uniforme, pensava no dia em que pudesse exibi-lo à Zizinha. Até mesmo o Lolô, nesse particular bastante honrado, não excluiu a hipótese de tramar uma conquista qualquer. Ilha das Cabras todinha eram só uniformes.

E, na manhã de 22 de agosto de 1942, dia dedicado à Santa Cecilia, nadrosira do lugar e protetora da banda, precedida de alguns fofetes e roifes, a dita banda rompeu as alvoredas, no seu uniforme azul, executando a marcha do Marinheiro, em substituição ao dobrado "José Bias". Tal mutação foi convenientemente explicada depois pelo Maestro numa roda em que fluravam os grandes da terra: conservação do bonê branco e do uniforme azul marinho.

Aqui sirvo-me do noticiário dado pelo "O Candieiro": "A noite, nos salões do Fôro, profusamente iluminados e gentilmente cedidos pelo Dr. Último de Castro, integerrimo Juiz de Direito da Comarca, verificou-se um animado baile, com o que a banda manifiestou, de público, a sua gratidão à Sociedade de Ilha das Cabras, pelo apoio dispensado. Em nome do povo, num improviso de fino favor literário, falou, saudando o Maestro Capitão Martinho dos Mares Guia, que ostentava, na lapêla, uma lira, presente da Casa "Pedro Weingrill", do Rio, o ilustrado cidadão patriótico J. Pinto Fernandes, funcionário aposentado d'"A Equitativa" e provéto correspondente d'"A Noite".

Noite horrível para Simplicio. Apesar de no fim da vida, ainda pôde taxar a música da "imunda".

IV

Amanhece. Alguns músicos, transviados, são vistos pelas ruas. Fardados, fazem-nos lembrar dos tempos da revolução. Severo apresenta um ar de festa acabada. Lolô já não se mostra tão encantado como dantes. Teria sido de um só dia a glória advinda de um uniforme? Não sei. O leitor sagaz, inteligente mesmo, sabe como deve ser difícil ao homem ocultar algo que, exibido, tenha, pelo menos, o mérito de forrá-lo de possíveis com'lexos. Lolô caminha um tanto pensativo. Em verdade seu uniforme não é uma vestimenta diária. Dentro em pouco, estará no fundo da mala com uma ou duas pedras de naftalina. E é no seu termo de brim kaki, sentado numa cadeira e com os cotovêlos apoiados na mesa de jantar, mal humorado como sempre, matutando, talvez, na sua futura nomeação para o cargo de Administrador do Cemitério Municipal.

As veias do pescoço, engrossadas por força de tanto acompanhar nele o movimento da lingua, formam um 88. Os zigomas sulcam-lhe a fronte. Todo ele afinal são rugas. Vai a mala. Revolve a roupa. Coloca por um instante o bonê na cabeça. Olha no espelho. Toma da clarineta

(Conclue na 15.ª pag.)



# UMA CARTA DE LUIS GUIMARÃES JUNIOR

Londres 8 de Setembro de 1944

Meu caro Leonarou,

Recebi a tua estimadíssima carta de 6 de setembro, cheia de expressões lisonjeiras, expressões dignas dum amigo como tu, e as quais muito me penhoram.

Estou à espera de remoção (isto é: conto já com o ovo no...) Se ela vier, que pechincha! Não imaginas que horror vai por este Londres! Daqui a pouco tempo o sol vai apagar a lanterna, e ficaremos às escurelas. Alimrei-me muito com a notícia da partida do Acácio para Spa. Não só ele não me respondeu a uma carta, que lhe escrevi ultimamente, como também não achou ocasião para participar-me a sua viagem!

Com vagar eu te contarei novidades a esse respeito e outros.

Peco-te o obsequio de me indagares quanto custa uma assis-

natuza de 3 meses do "PARIS-JOURNAL" e outra pelo mesmo tempo do "XIX Siecle", ambos jornais de Paris. Já se sabe que a assinatura deve ser para Londres. Indaga e comunica-me.

Se te for possível conseguir que alguma casa de Paris me mande algumas amostras de flanela de cores com salpicos pretos e os pregos, largura, etc., para minha mulher escolher, fazes-me favor especial.

Desculpa as minhas intermináveis massadas.

Depois da tua resposta mandar-te-ei o dinheiro para pagamento de jornais etc. Diz a maistrinha que eu sempre rezo um padre-nosso a Appollo e uma Ave-Maria a Orpheo, para que os triunfos aumentem de hora para hora. Adeus. Os nossos respetos e saudades a tua excelente família e tu recebo uma dúzia de abraços do teu

Luis Guimarães Jr.

do XIX<sup>o</sup> Siecle, ambos jornais de Paris. Já se sabe que a assinatura deve ser para Londres. Indaga e comunica-me.

Se te for possível conseguir que alguma casa de Paris me mande algumas amostras de flanela de cores com salpicos pretos e os pregos, largura, etc., para minha mulher escolher, fazes-me favor especial.

Desculpa as minhas intermináveis massadas.

Depois da tua resposta mandar-te-ei o dinheiro para pagamento de jornais etc. Diz a maistrinha que eu sempre rezo um padre-nosso a Appollo e uma Ave-Maria a Orpheo, para que os triunfos aumentem de hora para hora. Adeus. Os nossos respetos e saudades a tua excelente família e tu recebo uma dúzia de abraços do teu

Luis Guimarães Jr.

LONDRES, 8 de setembro de 1944.

Meu caro Leonarou,

Recebi a tua estimadíssima carta de 6 de setembro, cheia de expressões lisonjeiras, expressões dignas dum amigo como tu, e as quais muito me penhoram.

Estou à espera de remoção (isto é: conto já com o ovo no...) Se ela vier, que pechincha! Não imaginas que horror vai por este Londres! Daqui a pouco tempo o sol vai apagar a lanterna, e ficaremos às escurelas. Alimrei-me muito com a notícia da partida do Acácio para Spa. Não só ele não me respondeu a uma carta, que lhe escrevi ultimamente, como também não achou ocasião para participar-me a sua viagem!

Com vagar eu te contarei novidades a esse respeito e outros.

Peco-te o obsequio de me indagares quanto custa uma assis-

# OS ARQUIVOS IMPLACAVEIS

De João Condé

"Se um dia eu rasgasse os meus versos por des encanto ou nojo da poesia, não estaria certo da sua extinção: restariam os arquivos implacáveis de João Condé". — Carlos Drummond de Andrade.

ORA eu fazer misérias! Sou um cidadão reconhecidamente pacato, de hábitos morigerados, tímido e desconfiado, incapaz de alterar a voz ou dar um palpite nas rodas literárias, mesmo naquelas dos meus amigos. Ora eu fazer misérias!

Mas o fato é que me excedi no último dia em que passei em São Paulo. Excedi-me nas exigências, a propósito de certas confissões íntimas dos escritores paulistas e pratiquei determinados atos que, já agora, de cabeça fria e livre de influências estranhas, fico um tanto surpreso e encabulado.

E' verdade que na minha primeira tentativa dêsses atos fui surpreendido com um zelo enorme. Assim é que na visita feita à Biblioteca Municipal, o crítico Sergio Milliet não me deixou livre um só momento, e quando fui com o mesmo visitar a seção de documentos, êle ainda se conservou todo o tempo ao meu lado com os olhos desmesuradamente abertos a olhar para as minhas mãos e meus bolsos, a ver com certeza se estes aumentariam de volume. Mesmo assim, num momento de descuido, quando uma série de caricaturas tomava um caminho menos honesto, o crítico percebeu a tempo e disse:

— Bem, essas aí eu lhe farei presente.

E foi cancelada a visita às outras seções. Na saída sua fisionomia, embora cansada, era sem dúvida de alívio. Vou ao encontro de Mario da Silva Brito e, depois de uma longa conversa, consigo algo que felizmente não me deu remorsos. O remorso só viria depois, quando saí da casa de Oswald de Andrade. O romancista de "Chão" há dois dias que me convidara a ir à sua casa e eu, com um medo danado de lá aparecer, porque, com toda a certeza, o escritor me falaria em Antropofagia e até aquele momento eu nada conhecia a respeito. Iria fazer um fiasko dos diabos. Enfim, não seria por causa do assunto que eu iria perder tão ótima oportunidade. Consultando o dicionário de mestre Aurelio e com um pouco de mistificação, a situação para mim seria menos embaraçosa. Foi o que fiz.

Quando o taxi me deixou em frente à casa de Oswald, o romancista apareceu-me metido num ro-

be de lã marron, e com um apertado abraço, me deixou à vontade, refestelado numa poltrona. Pas-sou a olhar as estantes. Num fundo da sala vejo os seus célebres quadros, de Picasso e Chirico. A conversa foi longa, longa e cheia de pitoresco: bla-

Quero saber de outros fatos e, lançada a pergunta, deixo o escritor prosseguir:

"Quando regressi da Europa em 1912, escrevi o meu primeiro poema que se intitulava: "O último passeio de um tuberculoso, pela cidade, de bon-

Esclarece o romancista: "Jorge Amado, com o seu conhecido mau gosto, inventou coisas a meu respeito, dizendo, por exemplo, no seu livro "Vida de Luis Carlos Prestes", que eu andava de fraque vermelho na época do modernismo. Pura mentira.

não poupando até os próprios amigos. De inimigos, então, nem se fala. E' grande o anedotário a esse respeito. Quero saber se isso é coisa antiga. O escritor sorri e me pergunta porque tanta indiscrição, se pretendo publicar aquela nossa conversa. Ju-

do Rio de Janeiro para ir de barca a Niteroi." Não é preciso dizer que fui expulso da banca, mas os dois outros examinadores me aprovaram. Os colegas ali na sala, composta na maioria de alunos barulhentos, me carregaram entre vivas e gargalhadas.

que estou fazendo — "Beco do Escarro".

Olhando tanta desordem, vou cautelosamente selecionando a um canto o material que me interessa. Pego em alguns livros já esgotados, retiro de um velho album antigas fotografias raras, faço um monte de originais de livros, artigos e poemas. Na pasta de cartas, que não é lá muito grande, escolho algumas. A pilha está crescendo, mas eu tenho a habilidade de escamotear naquela balbúrdia de papéis espalhados. O difícil, vejo agora, é poder sair da casa do escritor sem deixar descapangas. Por sorte, fui com o capote emprestado. Capote que servia para resguardar outro físico mais corpulento do que o meu. Esse capote foi a minha salvação.

Despeço-me. Saí da casa do romancista com o meu peso acrescido de alguns quilos. Mas saí tranquilamente naquela madrugada friorenta pelas velhas ruas paulistanas com a consciência também pesada. O remorso porém não durou muito. Na manhã seguinte quando preparava as malas, aparece-me Oswald de Andrade no meu quarto de hotel. Fiquei surpreso. O escritor, risonho, vai logo me dizendo:

— "Seu Condé, não é que a minha mulher deu por falta de alguns retratos e originais?"

— Não pode ser, seu Oswald, sou honestíssimo.

Mas Oswald dá uma boa gargalhada e observa:

— "Não tenha susto, meu caro tudo isso aí é seu. Está muito mais bem guardado com você. Eu tenho a maior satisfação em lhe presentear. E olhe que depois lhe vou dar outras coisas mais."

E agora termino estas crônicas com a revelação de todos os meus pecados cometidos. Mas estou com a consciência tranquila. Porque para o futuro tudo isso constituirá um acervo poderoso para um melhor conhecimento dos homens de letras do meu país. Sou um cidadão à margem da literatura, mas luto, aborreço, sofro, sonho, e amo verdadeiramente as coisas do espírito, procurando contribuir para as gerações vindouras, através de documentos, confissões, depoimentos, exigências, tenham um conhecimento mais seguro do clima em que viveram os homens de letras dêsse nosso tempo. Tempo tão tragicamente angustiado e tão tragicamente rico.

J. G.



## MISSÃO EM SÃO PAULO

OU

## O FRACASSO DE UMA EXPEDIÇÃO

III

Ilustração de SANTA ROSA

gues, anedotas e piadas antropofágicas. Sim, amigos, mistifiquei um pedaço e deixei no escritor a certeza de que eu entendia do assunto. Antes de subir para o seu gabinete, onde mexi nos seus livros, documentos, e escondi tanta coisa, não quero deixar de contar as confissões que arranquei de Oswald.

Vou envolvendo-o e guardando na imaginação a conversa. Quiz saber de sua primeira manifestação literária e Oswald, puxando de seu enorme charuto uma fumaçada, me diz:

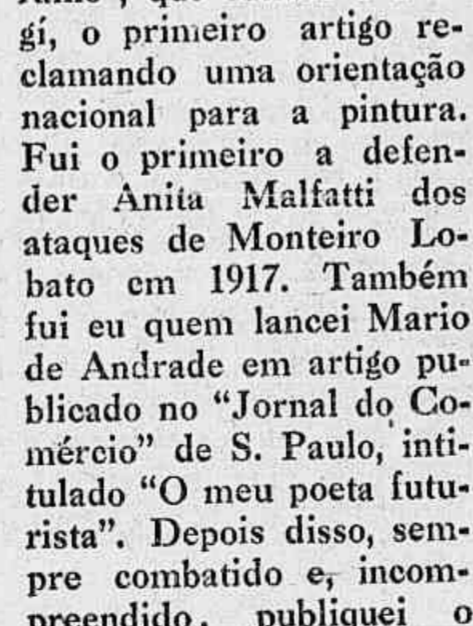
— Foi um plágio.

— Que?

— Sim, um plágio. Eu lhe conto: "Meu primo Paulo Inglês de Sousa chegara do Rio, e aqui, em São Paulo, onde eu morava, isto em 1902, me contara várias histórias que me deslumbraram. Entre elas havia uma que me deixou bastante impressionado. Ouvi calado toda a descrição. Tratava-se de uma moça que tinha morrido de amor em São Vicente e aparecia todas as noites. Ora, saí dali e não perdi tempo. Aproveitei a idéia do primo e fiz um conto que a família muito apreciou."

Nesse momento lembrou-me que se conta em tom de anedota a sua chegada ao Rio, naquela época, com idéias e indumentária modernista.

Esta minha primeira idéia de fazer poemas foi devido ao meu fracasso em querer traduzir Heredia em versos metrificados. O poema do tuberculoso foi recebido com grande escândalo. Não fiz mais versos até a Semana de Arte Moderna em 1922. Da Europa trazia idéias novas. Chegado aqui publiquei na revista "O Piralho", que fundei e dirigi, o primeiro artigo reclamando uma orientação nacional para a pintura. Fui o primeiro a defender Anita Malfatti dos ataques de Monteiro Lobato em 1917. Também fui eu quem lancei Mario de Andrade em artigo publicado no "Jornal do Comércio" de S. Paulo, intitulado "O meu poeta futurista". Depois disso, sempre combatido e, incompreendido, publiquei o meu primeiro livro com Guilherme de Almeida. Foram duas peças teatrais em francês. Tinha 26 anos."



— Que precocidade, seu Oswald!

— Nada disso.

Nesse momento lembrou-me que se conta em tom de anedota a sua chegada ao Rio, naquela época, com idéias e indumentária modernista.

Já que você lembrou um fato dessa época, vou contar um outro interessante que se deu. Vila Lobos, tendo chegado a São Paulo para assistir a instalação do primeiro movimento modernista no Brasil, com um calo arruinado, apareceu no palco do Teatro Municipal de chinelos e casaca. A vaia foi tremenda e todo o mundo



Daí por diante fiquei com fama de "piador".

Já é tarde e os documentos ainda não foram conseguidos. O escritor convida-me para subir até o seu gabinete de trabalho. O seu escritório é de uma desordem alarmante. Livros de cabeça pra baixo, pelas estantes, em cima de cadeiras e cantos da sala. Na mesa de trabalho uma quantidade enorme de cadernos de todos os feitios tamanhos e cores. Oswald anotia em pequenos cadernos — contei 23 — todo o material e observação que colhe na rua para os seus romances. Sempre está com um dêsse pequenos cadernos no bolso e, se ouve numa mesa de café ou num bonde alguma conversa ou fato interessante, anota-o para depois transportar para os livros. Num enorme caderno manuseio os originais dêsses romances. Bastante riscados e trabalhados. Vejo anotações pelos cantos das páginas naquela sua letra um tanto desordenada e irrequieta. Pergunto qual dos seus livros que mais gosta.

— "Nenhum", diz êle. — "Embora minha predileção vá para este último

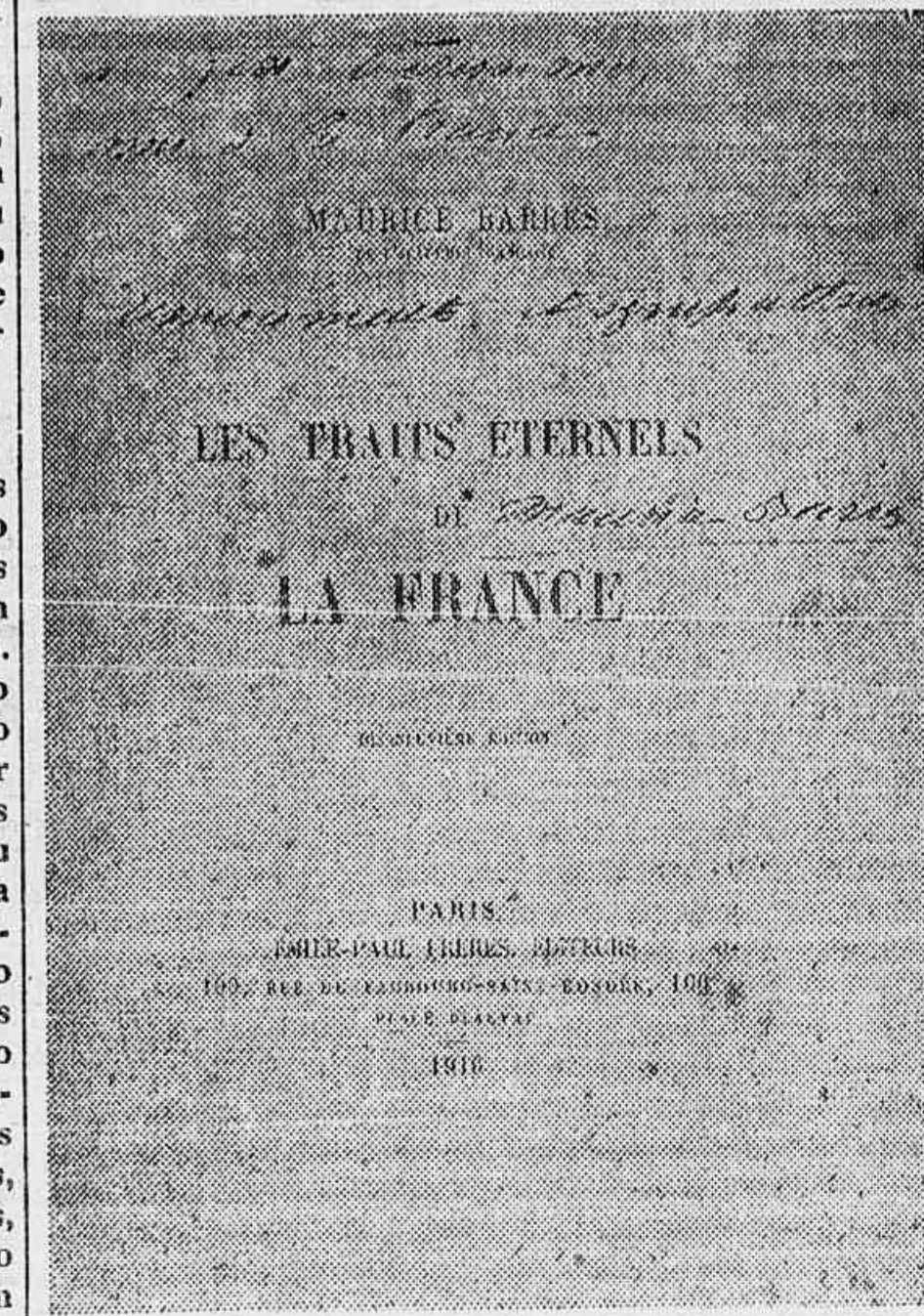
### album de família



FOTOGRAFIA DE AUGUSTO MEYER AOS 15 ANOS DE IDADE

### curiosidades

#### DEDICATORIA DE MAURICE BARRES A JOSE' VERISSIMO



"A José Verissimo, ami de la France, remerciements et sympathie."

MAURICE BARRES



# “Os Servos da Morte”

ALMEIDA FISCHER

A ATRIBUIÇÃO do ano em curso, para a literatura nacional, é, inegavelmente, uma das mais importantes e positivas dos últimos tempos. É inconteste que temos tido, neste ano que já se aproxima do seu término, grandes e significativas estréias em diversos gêneros literários. Se o ano passado foi o da poesia, com a revelação de um João Cabral de Melo Neto, de um Bueno de Rivera, de um Antonio Rangel Bandeira, este é o da prosa, em suas várias modalidades. O aparecimento de “Sagarana”, volume de contos de Guimarães Rosa, foi um acontecimento que conseguiu agitar um pouco o marasmo reinante em nosso mundo das letras, dando origem a uma onda de entusiasmo em torno desse livro de estréia. Houve, como sempre acontece no Brasil, um certo exagêro nos louvores aos méritos do livro do novo contista patricio, — exagêro natural em uma raça apaixonada e tropical como a nossa — mas, ninguém, de boa fé, pode negar que essa estréia tenha grande significação literária, represente mesmo uma das mais importantes do ano em trânsito. “Sagarana” revelou nos um contista de grande força expressional, de estilo incisivo, de linguagem castiça — possuidor de um alto poder de caracterização, marcando as figuras que desfilam em seu livro de forma sugestiva e definitiva.

Todavia, uma outra estréia verificada recentemente, a de Adonias Filho, com o romance “Os servos da morte” (Livraria José Olímpio Editora), talvez tenha maior importância do que a do contista mineiro, embora as trombetas da publicidade não hajam saudado seu aparecimento com tanta insistência quanto a que se sucedeu ao lançamento de “Sagarana”. Isso, entretanto, sem empanar a significação do aparecimento do contista das Alterosas em nossos meios literários. Talvez mais importante por se tratar de um escritor bastante jovem que se realiza, como romancista, de uma maneira impressionante, penetrando com segurança no mundo contraditório e paradoxal, sombrio e quase que inescrutável da alma humana, — trabalhando, portanto, material de mais difícil manejo e transpondo com felicidade os pe-

rigos e as dificuldades que o gênero oferece.

O romance do escritor baiano, realizado inteiramente num clima de alucinações e de tragédia, no qual a luta de sentimentos e o entrecio de paixões explodem violentamente, arrastando os seus tipos humanos, marcados por uma estranha morbidez, na voragem de acontecimentos que sacodem e machucam a nossa sensibilidade, — traz em si uma certa soma de influências benéficas de escritores estrangeiros como Julien Green, Virginia Woolf e Wasserman, que lhe dá essa rara força de fixação e objetivação dos tumultos que se processam no subterrâneo das consciências.

“Os servos da morte” focaliza a vida de uma família — presa entre os limites de uma fazenda de cacáu — marcada pela desgraça que arresta, numa avalanche raivosa, todos os seus membros pelo roteiro sombrio da loucura, do delírio, do crime. O autor procura defender, embora de uma maneira imprecisa, a tese de que, os que vivem afastados de Deus, jamais encontrarão tranquilidade e felicidade. Quase todas as personagens do romance deste estreante de talento, caminham, nesse clima de alucinações e de tragédias, cheio de avantesmas e de apreensões, em direção ao vício, à anulação, à morte, dentro de um fatalismo terrível que os

marcou com o irreccorível estigma da desgraça.

Paulino Duarte, dentro da grande noite de sua cegueira, sente a presença da esposa morta, como uma perseguição permanente, dentro da casa, no delírio de Angelo, na voz de Cláudia e, na sua impotência, não pode reagir, não pode fugir dos fantasmas que lhe encham os silêncios prolongados e os sonhos intranquilos de um atroz sofrimento que atinge, às vezes, as raías da demência; e acaba morrendo tragicamente. Rodrigo, cada vez mais decadente, procurando na bebida uma trégua às suas violentas crises, é um farrapo abjecto que perambula cambaleante pela casa; termina ma-

tando a sobrinha de poucos meses e desaparecendo, Angelo, em seu delírio, ouve a voz da mãe chamando-o com insistência e sai a vagar pelos campos como se fosse dirigido por uma misteriosa força superior. Acaba sozinho na fazenda, como um espectro, como uma assombração.

Cláudia, grávida, pisada no ventre, brutalmente, por Quincas, geme no leito sentindo os horrores. Termina amarrada, possuída pela fúria.

Emílio, depois de vaticinar a grande vingança que cairia sobre Paulino Duarte, morre abandonado em seu catre imundo. O capataz de Anselmo acaba louco furioso. Osório Barbosa e a esposa, têm o mesmo destino. Todos terminam mal, todos são perseguidos pelo fantasma da loucura e da morte.

É esse o clima de “Os servos da morte”, denso, pesado, fantasmal. As suas personagens caminham sempre em direção à desagregação e à ruína. Positivamente, o autor abusou, até certo ponto, das cenas trágicas, sacrificando, às vezes, a própria verossimilhança da história. Parece-nos que esse abuso foi positado, pretendendo com isso o romancista baiano defender a sua tese de que os homens não podem viver tranquilos na ausência de Deus. É uma das poucas deficiências que apontamos no livro — embora esse mesmo defeito seja comum em grandes autores das letras universais — pois achamos que a demonstração de uma tese não justifica o sacrifício da verossimilhança nas obras de ficção. Entretanto, com que força, com que intensidade Adonias Filho criou esse ambiente quase que sobrenatural que domina todo o volume! Raros escritores brasileiros terão tanto poder de fixação dos processos tumultuários que se desenvolvem na profundidade do ser. Poucos arrostarão, com igual êxito, os perigos que esses mergulhos no interior das consciências costumam oferecer. Inegavelmente, estamos diante de um robusto temperamento de romancista.

Embora com mais deficiências do que “Sagarana”, mas também com maiores qualidades, “Os servos da morte”, em nossa opinião, representa, até agora, a mais importante estréia do ano.

## CANTICO NEGRO

(FRAGMENTO)

Não! não vou por aí! Só vou por onde  
Me levam meus próprios passos...  
Se as coisas que eu pergunto (em vão) ninguém responde,  
Por que me dizeis vós: “Vem por aqui?”  
Prefiro escorregar nos becos lamacentos  
Redemoinhar nos ventos,  
Com farrapos arrastar os pés sangrentos,  
A ir por aí...

Se eu vim ao mundo foi  
Só para desflorar florestas virgens  
E desenhar meus próprios pés na areia inexporada

O mais que eu faço não vale nada

Como pois sereis vós  
Que me dareis machados, ferramentas, coragem

Para eu derrubar meus obstáculos?  
Corre nas vossas veias sangue velho dos avós,  
E vós amais o que é fácil...  
Eu amo o Longe e a Miragem,  
Amo os abismos, as torrentes, os desertos...

Ide! tendes estradas,  
Tendes jardins, tendes canteiros,  
Tendes pátrias, tendes tetos,  
Eu tenho a minha loucura  
Levanto-a como um facho a arder na noite  
[escura,  
E sinto espuma e sangue e cântico nos lábios!]

Deus e o Diabo é que me guiam, mais ninguém.

Todos tiveram pai, todos tiveram mãe:  
Mas eu, que nunca principio nem acabo,  
Nasci do amor que há entre Deus e o Diabo.

Ah! que ninguém me dê piedosas intenções.  
Ninguém me peça definições.  
Ninguém me diga: “Vem por aqui!”  
A minha vida é um vendaval que se soltou,  
É uma onda que se levantou.  
É um átomo a mais que se animou...  
Não importa. Virei, se possível, beijá-la,  
Não sei para onde vou.  
— Sei que não vou por aí!

J O S E' R E G I O

### O QUE SE EDITA NA FRANÇA

Van Tieghem, especialista em literatura comparada, vem dizer-nos algo de novo sobre o poeta de “Les Morts”, no livro “Musset, l'homme, et. Poëvre”.

Aimé Lafont — certamente algum “novo” — dá-nos um substancioso estudo sobre Paul Valéry, com uma carta prefácio do proprio Valéry.

André de Richard, um escritor estranho, ainda jovem, com certa semelhança com o nosso Lucio Cardoso, lança um novo romance “Le Mauvais” — o drama de uma adolescência infeliz que não pode escapar ao seu destino.

Importante estudo biográfico e crítico sobre Merimé é este do Marquês A. de Luppé, intitulado “Merimé”, em que nos revela a vida pouco conhecida, publica e privada do autor de “Carmen” — grande escritor e homem de bem.

No terreno da pesquisa literária, Auguste Dupoy, também mestre de literatura comparada apresenta “Elvire, inspiratrice de Lamartine”, curioso trabalho sobre esta mulher que na galcria das heroínas românticas poderia formar ao lado de Maria Duplessis, a “Dama das Camélias”.

Logo depois da morte do crítico Benjamin Crémieu, recitou-se em Paris o seu nome — tão pouco conhecido “Le Premier de la Classe”.

Myriam Harry, muito conhecida como romancista publica agora um estudo crítico “En Marge de Jules Lemaitre”.

Um livro de sensação é o de André Simone “Les Hommes qui ont trahi la France”.

Um romancista da linhagem espiritual de Charles Morgan: Marius Grant, com seu romance: “Un homme perdu”.

Digno de discussão e comentários pelos novos pontos de vista que sugere é o “Nietzsche”, de H. H. especialista em estudos sociais.

Nuertingen em Stuttgart, 4 de setembro de 1795

PERDÔE, respeitável sr. Conselheiro, que só agora, e de maneira tão pouco brilhante, eu lhe remeta a colaboração que o sr. tão generosamente me autorizou a lhe mandar. A doença e o tédio me impediram de fazer o que eu propriamente desejava. Talvez o sr. me permitirá de enviar-lhe isto de outra vez. Pertencço realmente, — ao menos como res nullius — ao sr. De forma, que o sr. pode dispor

também dos pobres e azedos frutos que produzo.

Aborrecido comigo mesmo e com que tudo o que me cerca, acabei mergulhando numa completa abstração; procuro desenvolver em mim a idéia de um progresso infinito da filosofia. Procuro demonstrar que o irremissível processo a ser feito em cada sistema, e que consiste na união do sujeito e do objeto num Absoluto, (EU, ou como o queriam chamar, num Absoluto estético, intuitivo e ao mesmo tempo teórico, — só é possível por meio de uma aproximação infinita como a quadratura do circulo.

Creio também que, para realizar um sistema do pensamento, é absolutamente necessária a idéia da imortalidade. Da mesma forma, para um sistema de ação, Creio por este meio poder provar até que ponto os célicos têm razão, e até que ponto não.

Sinto-me muitas vezes como um exilado, quando me lembro das horas que passamos juntos. O sr., com sua generosidade, nem se irritava com o ódio, e despojado espelho em que muitas vezes, apesar de minha boa vontade, era impossível reconhecer a figura do Mestre que eu queria refletir. Creio que só os homens raros têm este privilégio de saber dar sem receber, e de poder inflamar até no gelo. Quanto a mim, — ai de mim! — sinto a toda hora, que não sou um homem raro. Sinto-me duro e frio e mergulhado num horrível inverno. Tão de ferro é o meu céu, tão de pedra sou eu!

Em outubro, provavelmente, vou procurar um emprêgo do preceptor em Frankfurt.

Talvez seria um bom jeito de lhe pedir desculpas por este palavreiro que lhe estou escrevendo, dizer-lhe que, de certo modo, tomei por um dever, fazer-lhe uma prestação de contas de minha vida. Mas mesmo dando esta desculpa, eu não seria completamente sincero. Porque a verdade é que meu único orgulho e meu único consolo é este de poder dirigir-me ao sr., e contar-lhe alguma coisa de mim. Sempre,

Seu admirador  
Hoelderlin.  
(Trad. de Natanael de Barros)

### POESIA PURA

Todos desejarão a esplendida aventura  
De, um dia, embora já sem forças, recolhê-la,  
Como um dom, um milagre diferente.

Quem não indagará, decerto, em ansias  
— Onde a terei? em que caminhos? em que [estrêis?  
Em que horizonte azul, ou divina distancia?  
Onde? e procurará, sofregamente,  
Com uma sede terrível, sua fonte  
De infinita, de mágica frescura.

Existirá mesmo a poesia pura?  
Em que país remoto ou primitivo?  
Não faz mal que alguém fique a namorá-la

E se deixe morrer ao seu deslumbramento.  
Quem sabe nascerá para sonho e alimento  
De um mundo mais perfeito e compreensivo?

Não importa que eu seja, apenas, cinza.  
Não importa. Virei, se possível, beijá-la,  
Como quem beija, a própria mãe, no rosto,  
Pedindo-lhe perdão de machucá-la.  
Não importa. Ouvirei, talvez a sua fala,  
Como uma bênção, como um lenitivo,  
Recordando a ilusão do meu sol posto  
A de, só uma vez, ter passado, ao de leve,  
Num acaso feliz, as mãos pelo seu rosto.

OLIVEIRA E SILVA



**D**EPOIS dos vários artigos sobre "A Origem do Jazz" e "A Música Negra", creio que poderemos nos transportar para a América do Norte, nos primeiros tempos da escravidão.

Sendo ponto sobre o qual ninguém mais discute, o do grau de civilização dos grupos africanos importados, e também o da caudalosa torrente de música negra que veio fecundar e fertilizar a substância musical trazida pelos europeus, já temos o direito de nos referir a uma produção musical afro-americana.

Manifestou-se ela, a princípio, com fortes características herdadas. Música coral, principalmente, e cantos memoriados.

Não se encontrou nessa época nenhum vestígio de música popular, nesse conceito de arte feita para o povo; e, sim, mais propriamente, a música feita pelo povo, num sentido mesmo folclórico. A música afro-americana desse tempo era, pois, memoriada, sem autor identificável (criada anonimamente, quero dizer), transmitida de geração em geração por via oral, e encerrando encantadores interesses culturais e raciais.

Neste primeiro grupo que muito influenciou o "jazz", incluíamos os "negro-spirituais" os "shouts", as "worksongs" ou "labor-songs", os

"blues", e também algumas baladas-narrativas cujo assunto litero-melódico se prende ao "folklore".

Na verdade não se sabe muito bem quais dessas formas cristalizaram em primeiro lugar, supondo-se, por isso, que tenha havido um certo grau de simultaneidade na afloração dos diversos tipos de música afro-americana, exposto cada um a influências locais, o que lhe reforçou ou enfraqueceu, consequentemente, características formais específicas.

Logo após a guerra civil, quando os brancos (principalmente os do norte dos EE. UU.) dirigiram suas simpatias meio-contemporizadoras para as manifestações artísticas do negro, lograram, à semelhança de um catalítico, obter geral aceitação dos "negro-spirituais". Puderam assim essas canções religiosas adquirir uma certa precedência no conhecimento do mundo musical sobre os demais cantos negros, so-

bretudo porque atingiram desde logo a divulgação por meio da música recolhida e levada à pauta por brancos, além do que, a sua maioria se apoiava numa simbologia de iniludível parentesco bíblico.

Dos "spirituals" falaremos com mais calma no segundo domingo de outubro, se Deus quiser!

#### CORRESPONDÊNCIA

**RITA MOTA** — (São Paulo) — Com o cinema acontece que todos gostam dele e o discutem pelas razões as mais diversas do mundo; raríssimos, porém, os que abordam argumentos legitimamente cinematográficos. Lamento que tenha perdido "Mau Preságio" que o Rio está vindo agora. É preciso conhecer **JOSH WHITE**. Um atraso do correio aéreo originou a publicação retardada daquelas notas sobre a fita.

**EDITH G. VIEIRA** — (S. Paulo) — Fui informa-

do de que a redução para 30 minutos do programa "Amigos da América" obedeceu à orientação do departamento comercial daquela emissora. A direção da "Rádio América" admite a possibilidade de um retorno aos 60 minutos de irradiação. Esta seção só é publicada em "Letras e Artes" dos domingos.

**SALVIANO C. PAIVA** — (Rio de Janeiro) — Magnífica a sugestão para fornecermos uma lista dos discos "clássicos" do "jazz". Tratando-se de tarefa demorada e que pela sua finalidade exige uma cuidadosa seleção das obras mais expressivas, iremos publicando, ao pé dos artigos, uma lista das gravações que ilustrem melhor o assunto de cada um. A princípio elas serão poucas e difíceis de obter, mas, para depois de 1920, vá juntando uns dinheirinhos...

**WALDEMAR M. F. FILHO** — (S. Paulo) — "No Mundo do Jazz" está sus-

penso por falta de um horário apropriado para sua irradiação, e que não tenha muito anúncio. **CHARLES DELAUNAY** dá a seguinte composição de "Jelly Roll Morton Red Hot Peppers" para "Black Bottom Stomp", "The Chant" gravados em setembro de 1926; **GEORGE MITCHELL** (cornet), **KID ORY** (trombone), **OMER SIMEON** (clarineta), **J. E. L. Y. ROLL MORTON** (piano), **JOHN ST. CYR** (banjo), **JOHN LINDSAY** (baixo) e **ANDREW HILAIRE** (bateria). Para o disco de **ARMSTRONG** em "Parlophone" R-571 — "Mahogany Hall Stomp" o pessoal é: **LOUIS ARMSTRONG** (piston), **J. C. HIGGINBOTHAM** (trombone), **CHARLIE HOLMES** (alto sax.), **ALBERT NICHOLS** (clarineta e alto sax.), **THEO HILL** (tenor sax.), **LUIS RUSSELL** (piano), **EDDIE CONDON** (banjo), **LONNIE JOHNSON** (violão), **GEORGE "POP" FOSTER** (baixo), e **PAUL BARBARIN** (bateria). Ano de gravação: 1928.

NOTA — Para os leitores que se interessam por cinema tenha uma excelente notícia: **JORGE LACERDA** que me perdeu o "furo"... o cineasta **RUBEM BIAFORA** vai ficar com a "Seção de Cinema" deste suplemento. Parabéns pros dois. **B. C.**

Endereço: Rua Pirineus, 87 — S. PAULO.

## O HUMOR DE JULES RENARD

Apresentamos aqui alguns trechos selecionados do admirável "Journal", de Jules Renard, por onde se poderá apreciar o humor, a fantasia e a finura de observação dessa descendente de La Bruyère.

— Os editores são tão gentis, quando não editamos nossos livros com eles.

— Aquiles e Don Quixote são, ao lado de Deus, bastante conhe-

cidos para me dispensarem de ler Homero e Cervantes.

— Existem narradores e escritores. Narra-se o que se vê. Não se escreve o que se vê: escreve-se o que se é.

— Baudelaire: "A alma do vinho cantava nas garrafas"... Esta falsa poesia que se preocupa em substituir o que existe pelo que não existe. Para um artista, o vinho na garrafa é mais

verdadeiro e mais interessante do que a alma do vinho ou a alma da garrafa, pois não há razão para emprestar-se alma a um objeto...

— Quando me dizem que possuo talento, não é necessário que me repitam: compreendo-o perfeitamente.

— Lamartine sonha cinco minutos e escreve uma hora. A arte é o contrário disso.

— Flaubert era tão bondoso que levava a sério todos os principiantes.

— As injúrias de Leon Bloy são as de um pobre diabo. Não inquietam. Chamar alguém de idiota ou porco é exibir o seu próprio mau humor; não é pintar nem distinguir um homem do outro. Não basta chamar a Barts de "camelo".

— Sua eloquência está para a verdadeira eloquência assim como Mirbeau para Mirabeau. (Trad. de Brito Broca)

#### UM POLEMISTA

Acácio França, colaborador do suplemento panamericano de A MANHÃ, tornou-se famoso, na Bahia, pelas suas polémicas na imprensa, principalmente pelas ofensivas contra o atual deputado Altamirando Requião, também jornalista e escritor. Quando Requião atacou o pintor Presciliano Silva, Acácio França defendeu com brilho este último. Defendeu, mais tarde, João Ribeiro também das críticas de Requião e reuniu os artigos dessas duas campanhas num livro.

#### ELSA E OS IMBECIS

Elsa Triolet, a esposa de Louis Aragon, hoje tão famosa quanto o marido, exprime todo o seu horror pela palestra dos imbecis.

— "Conversar com um tolo — dizia ela — é o mesmo que passear com um pernetá".

## NOTA SOBRE "CAMINHO DE MUSICA"

### ASCENDINO LEITE

**U**MA dificuldade inicial se me parece intransponível ao tomar o livro do sr. Andrade Muricy, *Caminho de Música*, para objeto desta nota: a dificuldade de quem não conhece a teoria musical, de quem não é sequer um musicômano. E todas as divagações que se seguem a essa dificuldade só um fundamento encontram, já não digo diante dos leitores mas no meu próprio entender: é o sentimento literário que transparece das páginas do sr. Andrade Muricy capaz, por si só, de enleiar qualquer espírito sensível à expressão das idéias.

Acontece que o livro do sr. Andrade Muricy é, no seu conjunto, uma obra de arte, de crítica de arte, cheio de penetrantes idéias e de reflexões da mais alta importância sobre a criação estética superior, no plano de suas manifestações plásticas e na ordem do pensamento que a anima.

Homem arredado de "entourages" e círculos literários e votado à meditação, o autor de *A Nova Literatura Brasileira* vem, há muito tempo, se dedicando ao estudo dos problemas da arte, preferentemente da música, que tem enriquecido com o resultado de suas pesquisas. Acentue-se a significação do título deste novo trabalho seu: pelo caminho da música o sr. Andrade Muricy realizou a

sua vocação de crítico e, por meio dele, pôde chegar à interpretação de algumas verdades nucleares, comportadas em todo o processo da criação artística.

O resultado da crítica moderna não proscreeva a necessidade da música para encaminhar o crítico ao cerne desses problemas. Ao contrário, esta necessidade, tal como a da poesia, está firmemente inserida no programa de todo o crítico que tenha realmente em vista mergulhar seu espírito no conhecimento exato da verdade e de suas ramificações mais misteriosas e fecundas. Esse o critério em que se fundam as páginas deste excelente livro de estética — (estética, pura e simplesmente, como aí fica, intencionalmente escrito) — não obstante o objeto particular das pesquisas do sr. Andrade Muricy.

Não custa ao leitor atingir à complexidade do problema da criação artística e, afinal, esla-recer-se a seu respeito, se se deixar conduzir pelos métodos de perquirição e de análise desse crítico cheio de saúde espiritual, de compreensão humana e de sensibilidade. Por todos esses ensaios surpreende-se uma experiência considerável no estudo e no sentimento da arte, experiência feita de seriedade interior e da qual participam todos os dons de criação do autor.

Em *Caminho de Música*, todavia quase sempre é o crítico que fala, o crítico musical em primeiro plano — um crítico para quem, reproduzindo um dos seus conceitos, a perfeição não é essa coisa fria, admirável e inútil mas aquilo que importa no controle da inteligência, isto é, em se achar o espírito tão interessado nos problemas que se lhe oferecem quanto o aparelho sensorial. Mas quando ao crítico musical sucede o analista literário ou o artista preocupado com o processo e a finalidade da arte, os elementos de expressão e os temas vocacionais, o estilo e a técnica, — o conhecimento que nos revela, formulado em conceitos e reflexões próprias, caracteristicamente pessoais, encontra poucos paralelos nos modernos tratados de estética já escritos no Brasil.

Ressalvado, é claro, o caráter de improvisação de alguns capítulos desse *Caminho de Música*, tenho a convicção de que voltarei a ler, muitas vezes, por necessidade de estudo, de orientação certa sobre determinados assuntos de comum prodigação, e ainda, por prazer intelectual, os notáveis ensaios que o sr. Andrade Muricy acaba de nos oferecer em volume, ensaios que, em última palavra, são uma franca e decisiva afirmação de consciência estética.

— Na literatura é preciso ter-se verdadeira coragem para dizer que o soneto d'Arvers não é uma obra prima.

— O cúmulo do patriotismo: fugir de um céu azul da Prússia.

— Quando não se tem de quem falar, fala-se de todo mundo.

— Um homem simples, um homem com capacidade para escrever sua firma legível.

— "Les Sovers Vatar", de Huymans é um Zola de metal, um materialismo de alumínio.

— O horror dos burgueses é burguesia.

— Dois jovens muito "paulo-virginizados".

— George Sand, a vaca leiteira da literatura.

— Balzac podia ser sido o único que possuía o direito de escrever mal.

— O crítico é um botânico. Eu sou um jardineiro.

— Tudo é belo. É preciso falar de um porco, como de uma flor.

— Um homem escreveu uma carta de amor a uma mulher que não lhe responde. Procura a causa do silêncio e encontra-a: esqueceu de pôr o selo.

— O filho de Verlaine parece-se com Rimband.

— Para que a obra prima chegue a ti, pelo menos faz-lhe um sinal.

— Minha literatura: cartas a mim mesmo que deixo os outros terem.

— Todos os animais falam, exceto o papagaio charlatão.



# SOLANGE

*Crônica*  
de Xavier Placer

**C**HAMAVA-SE Solange. Fina, pequena, triguinha. Com os cabelos aparilhados ao meio em duas tranças negras, vivas de gestos e palavras, dormava uma cigarrinha. Doze anos recém-feitos. O que quer dizer que há muito deixara para trás os medos de escuro as bonecas, as pirraças infantis. Com a força dos ares virgens, adolescência. Tinha momentos de inexplicável tristeza e de súbita alegria inextinguível; conhecia já os pressentimentos, os sobresaltos, as dolorosas perguntas sem resposta. E à noite sonhava sonhos que guardava em segredo, que escondia com pudor. Estava pois naquele minuto de cristal, de que se disse:

"Entreaberto botão, entrefechada rosa,  
um pouco de menina e outro pouco de mulher".

E Solange morreu. Conta-o em duas colunas, com abundância de detalhes, os matutinos de hoje. Na linguagem brutal de noticiário, sob um cabeçalho de sensação — O último carnaval de Solange — lá está na primeira página. Simples e doloroso. Foi o caso que satisfazendo antigo sonho da filha, a mãe fizera-lhe este ano, pela primeira vez uma fantasia de havaiana. Ligada a vizinhas da mesma idade, a pequena Solange, viúva e contente, vinha brincando o Carnaval. Sábado domingo, segunda... Oh!, com que rapidez, para sua alegria, os dias iam passando! Se ela pudesse fazer parar o tempo, se a vida fosse um Carnaval que não tivesse fim! Ter que estudar suportar aquele terrível professor de matemática, fazer exercícios, copiar os pontos... E agora chegava já o terceiro dia. O último dia! Era preciso aproveitá-lo bem. Foi para o espelho do quarto da mãe: ia por-se bem bonita. Olhou-se alguns instantes, subitamente afastou-se depressa para o interior da casa. Mas ela de volta, uma caixa de fósforos na mão. Sobre Solange, não sabia ela que a fatralidade, deusa impiedosa e cega, não havia lá escrito a de uma vítima. Sua intenção, naturalmente era fazer com o palito apagado o clássico sinalzinho da face, igual a tantos outros que em outras ocasiões a mãe lhe fizera com maternal carinho, numa operação simples e rápida. Mas para que a ajuda da mãe, se já agora ela não é mais aquela criança de outros tempos? Ela própria, por suas mãos, e a seu gosto, daria aquele último estocque na "toilette". Depois, quando os pais a vissem, haviam-se de admirar... sorrir e gostar. E riscou o fósforo; mas eis que, ao fazê-lo, ele partiu-se, escapando-se-lhe pelas mãos. Foi tudo num relampago: o fogo incendiou as tiras de papel celofane de sua saia de havaiana, transformando-a subitamente numa só labareda a sua bonita fantasia. Desesperada, Solange saiu aos gritos. Ora, o vento ainda alimentou mais o fogo, demorou a vir gente, e quando apareceu não foi sem grande dificuldade que o dominaram. Instantes depois, entre algazarra e curiosidade, a assistência levava Solange, com ruído...

Tranquila amanhece a cidade após quarta-feira de cinzas. Mal se adivinha o que foram os dias de Carnaval nos escassos vestígios das ruas. As coisas têm um ar ingênuo, repouso, casto. É como se a cidade tivesse de repente submergido; atmosfera de vida submarina. Na transparência esverdeada das águas, a mancha azul de um pequeno calção. Carros fantásticos, em movimento de câmara lenta, acompanhando o fôrete minusculeto. Por que? Efeito da hora ou insensibilidade? Não sei. Lucido, olho o cortejo passar e não consigo tomar-me. Nem ao menos ter surpresa. Perdoo, Solange. É que em teu nome eu sempre pressenti este epíteto. Solange, nome de menina, de senhorinha, nunca de senhora, madame ou dona; Solange, nome de noiva impossível de musa de poeta, irmão de Beatriz, Ofélia, Anabel Lee; Solange nome para ser gravado sobre uma lápida, junto a duas datas brevíssimas, entre rosas, mistério, poesia.

# A POESIA DE MARCOS KONDER REIS

NEREU CORREA

**M**ARCOS KONDER REIS acaba de publicar "David", seu segundo livro de versos. Ninguém, em nosso Estado, conhece as suas poesias, a não ser um pequeno grupo de amigos. E não acredito que esse estranho "David", nem o próximo "Apocalipse", nem os outros que seguirão nesse mesmo roteiro poético, conseguirão torná-lo mais conhecido e admirado dos seus conterrâneos, ou, mesmo, do grande público em geral. Muitos saberão que ele é poeta apenas porque publicou uns livros, e, nesses livros, alguma coisa em forma de poesia. Conhecimento que deriva menos do centro nuclear que da visão periférica da obra do poeta catarinense. Um poeta diferente dos poetas do passado, cujos versos eram por assim dizer o próprio cartão de visita que os tornavam conhecidos do povo. A poesia de Marcos Konder Reis, porém, está acima da sensibilidade comum dos leitores, isolando-se num plano quase inacessível aos que ainda não se iniciaram nos caminhos da arte moderna.

Antigamente o poeta vinha para a rua com as suas paletas, os seus pincéis e as tintas da sua imaginação, pintar ao ar livre, mirar-se no espelho de lagos tranquilos, zodíacos de síldes e de máscaras exóticas, cantar arrebolos engolfados em sangue, ouvir estrelas e chorar as suas máguas, as suas saudades e os seus penares. Nada de mistérios guardados sovinaamente no surral do subconsciente. Nada de entretos ou de nuances indefinidas. Com ele era tudo preto no branco. Ou sofria, ou não sofria. Ou era a criatura mais feliz do mundo, ou o mais desgraçado dos mortais. Se era um desgraçado, multiplicava por três a sua desgraça e descartava-a em aims dolorosamente rebuscadas e em imagens pacientemente urdidas. Se era feliz, fazia a mesma operação aritmética e servia essa felicidade em taças de cristal, como se alguém mais, além do poeta, pudesse participar da embriaguez dos seus sonhos.

O poeta de hoje pelo contrário, se fecha no caramujo do seu mundo interior, nas abrigadas galerias do subconsciente, de onde só nos chegam vagas imagens, sombras imprecisas, soluços estrangulados e alegrias reprimidas. Marcos Konder Reis pertence a essa geração de poetas. Poeta moderno, a sua poesia pode ser situada entre as que mais se caracterizam pelo hermetismo, pela inacessibilidade, motivo por que, creio, jamais chegará até ao povo.

A poesia de Marcos Konder Reis se situa em um plano supra-realista raramente se aproximando do mundo físico. E a sua nota marcante é a sede de infinito e de amor que abrasa a alma do poeta. Amor no seu duplo sentido; amor divino e profano. Notas que não som nunca em surdina, nem se associam num conjunto harmônico. Mas que se cruzam, ou som isoladamente, em arremessos, em atropelos de agitação, de nervosismo e de delírio.

Na sua ansia de totalização elas se elevam ao mundo do "real não racionalizado", mas às vezes baixam ao cotidiano, situam-se no terra-a-terra da vida, evocam episódios da infância, procuram reter momentos efêmeros que apenas roçaram o coração do poeta — como em "Grito de Alegria" e "Circo e Adeus" — para novamente se relacionarem com o supracel, através de imagens de uma vida passada que ainda vivem no poeta, apenas transformadas pela sua sensibilidade, transfiguradas pelo seu tumulto interior, modificadas pela sua nova atitude diante da vida. Atitude que às vezes parece ser de desespero, de inquietação e de angústias acabrunhantes, provocando-lhe verdadeiros desvarios, profundas alucinações nessa luta entre o Bem e o Mal, entre o espírito e a matéria. É a impressão que nos fica — se é que nos fica alguma impressão — da leitura dos versos desse estranho e alucinante "Cemitério". Dir-se-ia, mesmo, que esses versos exprimem uma sensibilidade mórbida, mas preferimos admitir que foram escritos num momento de completo delírio em que se entrecruzam imagens estranhas de instintos bestiais e alucinações místicas, como "orgias nuas no bordel da morte", "Gigolô de virgens mortas", "Gigolô de cadáveres", "Quero a ressurreição! Quero a Ressurreição!".

Além do excessivo hermetismo da poesia de Marcos Konder Reis, não podemos deixar de fazer ressaltar a certos vocábulos anti-poéticos de que ele usa e abusa, vocábulos chocantes, contundentes, impropráveis mesmo em prosa.

A poesia de Marcos Konder Reis parece inspirada nos princípios rimbaldianos segundo os quais o poeta deve "esgotar todas as formas do amor, do sofrimento e da loucura" e a poesia "é um método de exaltar a vida e ultrapassar o homem". Rimbald, aliás, é o seu itinerário poético, o poeta da sua maior admiração. Daí aquelas alternâncias, tão frequentes na sua poesia, de pomba e leão, de instinto e alma, de matéria e espírito de santo e demônio... Mas, entre a vida de um e de outro, quanta diferença! Não residirá nisso, porventura, a impressão da falsidade que nos deixam certas explosões de instintos mordazes na poesia do Sr. Marcos Konder Reis? Explosões que em Rimbald correspondiam a um impulso natural do seu temperamento, da sua vida devassa e boêmia. O poeta das "Illuminations" era impulsivo e atrevido tanto na vida artística como na sua vida real. Uma era o reflexo da outra. Ou melhor, a sua experiência artística era uma continuação da sua experiência humana, com todas as suas fugas para as regiões metafísicas. Ao passo que com Marcos Konder Reis acontece o contrário. Quem o conhece pessoalmente, descobre, logo, essa antinomia entre o poeta e a sua poesia. Se às vezes parece ser desbocado — que vá o termo, pois outro não me

ocorre na ocasião — o é apenas em poesia, por mais paradoxal que isso pareça. Porque o poeta, em pessoa, é de uma delicadeza e de uma polidez extremas, incapaz, mesmo de proferir um simples termo de glória durante uma palestra. Daí porque nos chocam a violência de certas imagens e, principalmente, o emprego de expressões rebarbativas, tanto menos justificáveis quando se trata de poesia, em que mais se destaca a rudeza do contraste.

Sei que são comuns os casos em que o poeta se comporta na sua vida real de uma maneira muito diferente daquela que apresenta na sua criação artística. Mas também é raro aquele que consegue iludir-nos por esse poder de transfiguração. É um estudo que ainda está por se fazer, entre a maioria dos nossos poetas, esse de investigar na sua própria vida, os motivos sócio-psicológicos que mais atuaram na sua sensibilidade e se projetaram na sua obra.

Já que consignei as expressões anti-poéticas nos versos de Marcos Konder Reis, desejo assinalar, também certo humorismo com que ele quebra, às vezes, a gravidade dos seus versos, contraste que resulta numa impressão picaresca e por isso também anti-poética.

Mas os valores positivos são dominantes na sua poesia e como amostras desses valores, colhidas a esmo, vou alinhar, isoladamente, as seguintes imagens, que só uma grande sensibilidade de artista poderia conceber:

- Quando se tem os lábios entumecidos de beijos guardados
- Que bebo sol de madrugada na concha das magnólias
- Vomitando pedaços de canções e sonhos moribundos
- Uma menina física cospe uma rosa no transeleiro
- Todo o sofrimento moral do pobre está contido nestes versos:
- Vós os que ficais nas esquinas mordidas de úlceras, bebendo humilhação com a mão estendida...
- E, nest'outro:

Mastigando desesperadamente o pão que vos jogam como bofetadas...

Com exceção de "Os Cegos", que é um dos pontos culminantes dessa coletânea de versos, os melhores dos seus poemas são aqueles em que o poeta mergulha da infância, revivendo impressões fugídias que jamais se apagaram do seu espírito. Impressões transmitidas calcioscopicamente, mistura de sonhos infantis com sonhos adultos, o que vem mostrar que o menino continua vivendo no poeta e o poeta continua menino. Vê-se que Marcos Konder Reis aproveitou aqueles conselhos de Rainer Maria Rilke na sua famosa "Carta a um jovem poeta", pois que se utiliza, para informar a sua mensagem poética, das "imagens dos seus sonhos, dos objetos de suas recordações", mergulhando no "seu próprio mundo".

Nos versos "Poema", com que encerra o volume, o poeta se liberta de todas as cadeias que o prendem à terra para librar-se no universo, pois que tinha uma "entrevista marcada com a Via-Látca", para "além das nebulosas", entrevista que nada mais é que a sua queda no infinito, esse infinito que ele tanto busca e que considera a "ascensão sem fim". E nessa arrebatada louca pelos itinerários mágicos de sua imaginação o poeta encontra, afinal, a porta sem limites que lhe franqueará a entrada nesse mundo que vem "surgindo numa explosão de neve e de luz", e que o levará ao "Deus Vivo e à Liberdade".

Hajal, Santa Catarina.



## POBRE ESQUEMA

Tasso da Silveira

Os movimentos fundamentais ser humano são os seguintes:

— primeiro, o de procurar o alimento; segundo, o de procurar o amor; terceiro, o de procurar o abrigo; quarto, o de expandir o tumulto íntimo; quinto, o de meditar o mistério.

Com a ordem em que os enunciados, não pretendo estabelecer precedência de uns sobre outros.

Do primeiro desses movimentos, nasceram a caça, a pesca, a agricultura. Do segundo, a família, que se desdobrou no clan. Do terceiro, surgiram a arquitetura (que gerou a escultura e a pintura), a indumentária, o mobiliário. Vieram do quarto desses movimentos, a dança, a música, a poesia. Do quinto, a religião, a filosofia, a ciência.

As indústrias manufatureiras e fabris, assim como o comércio, nasceram do primeiro e do terceiro. O Estado é o clan que evolue e se complexifica, para envolver todo o conjunto desses fundamentais movimentos. O jogo é consequência e negação de cada um deles: ausência, pausa, repouso.

O esquema tem alguma utilidade. Mostra-nos, por exemplo, que as artes plásticas, de um lado, e as artes rítmicas, de outro, têm raízes diversíssimas. As primeiras vieram de um movimento utilitário. As segundas de um movimento gratuito. É preciso, pois, cautela nas costureiras aproximações entre as artes de um e outro grupo.

É preciso também não aproximar arte e jogo, pois são coisas que mutuamente se excluem.

Religião, filosofia, ciência, são evidentemente irmãs e se situam na cumieida, por nascerem do mais desinteressado e também do mais total, movimento humano. Apenas, acontece que da meditação do mistério, de que surgem, nasce também o tumulto interior, que se vai expandir em dança, música, poesia. Razão por que estar três artes acabam sempre manifestando o transcendente. E, por efeito de contágio, vai esse tumulto extravasar-se, embora de maneira indireta, nas artes do grupo plástico, que, de certo ponto em diante, se desprendem de seu sentido utilitário.

O curioso é que, em virtude da unidade do espírito, um certo paralelismo se estabelece entre as artes de espaço e as do tempo, não obstante sua origem e sua essência diferentes. A música é uma arquitetura como tão bem viu Paul Valéry. Da música desprende-se a dança, como da arquitetura se desprende a escultura: o dançarino é uma estátua que se move. E desprende-se a poesia, como o "afresco" se transmutou em tela autônoma.

Continuando a ação unificante, o espírito embebeu de beleza as coisas que eram úteis simplesmente. Daí, as artes industriais.

O Estado, disse eu, é o clan que se complexifica e distende para abranger todos esses fundamentais movimentos. Sua origem primeira é o movimento em procura do amor. Sua íntima substância a família. Seria bom que ele jamais esquecesse essa substância e essa origem. E, ao envolver, por força de sua energia expansiva, todos os movimentos fundamentais, não olvidasse que essa energia de expansão lhe veio do movimento de meditar o mistério, que deu ao homem o senso das estruturas racionais e totais.

O que põe a religião, a filosofia, a ciência, em plano superior ao seu, tornando-as por certa forma intangíveis e sagradas. E como nas artes, — nas artes rítmicas, por natureza; nas artes plásticas por via de contágio — se manifesta e vive a gratuita liberdade criadora, também elas devem ser resguardadas. Pois, se atentasse contra elas, como contra a religião, a filosofia, a ciência, o Estado secaria a fonte de sua própria magnitude.

### ESCRITORES NOTURNOS

Vários leitores do romance "Um rosto noturno", do escritor gaúcho Reinaldo Moura, (Liv. do Globo. Col. Tucano) pronunciando-se sobre a mesma, descobriram certa semelhança com uma conhecida novela de Lucio Cardoso, intitulada "Inácio".

Eis aí um ponto interessante sobre o qual deverá pronunciar-se a crítica. Teria Reinaldo Moura se inspirado na novela de Lucio Cardoso? Quais os aspectos em que mais particularmente se aproximam os dois escritores? Problemas, de certo, apaixonantes para a nossa crítica.

### MARCELO GAMA

Marcelo Gama pertence ao número dos poetas simbolistas esquecidos. Em Porto Alegre ele foi chefe de fila do grupo em que figurou, entre outros, o admirável Eduardo Guimarães. Foi uma boa idéia a da Sociedade Felipe d'Oliveira a de editar "Via Sacra" do referido poeta, dando oportunidade aos críticos de hoje para lhe apreciarem a técnica e os méritos e ao grande público para conhecê-lo.



**F**INIM Ziembinski vint... O transeunte acreditou sempre no teatro e nunca no nosso teatro. Impossível dizer porque, mas era como uma dessas fatalidades, o teatro brasileiro não conseguiu nunca acompanhar o ritmo de desenvolvimento das outras artes em que, graças a Deus, brilhamos como podemos. Mas isto agora não interessa o que interessa é que enfim Ziembinski veio e veio o grupo dos Comediantes e veio o bom teatro.

O nome de O'Neill, no cartaz do Ginástico, tinha a força de um convite. Vamos assistir "Desejo", versão brasileira de Miroel Silveira, de "Desire under the Elms". O teatro de Eugene O'Neill respira numa atmosfera dramática tão espessa, que sua enenação é uma tentativa que fala sozinho sobre o fôlego dos Comediantes. "Desejo" é uma cadência dramática que acontece à vida de alguns homens e uma mulher numa rude fazenda da Nova Inglaterra por volta de 1850. Não se poderá dizer que é o romance da ambição pela terra ou pelo amor, que é a história de uma paixão ou de um caráter. Porque tendo tudo isso, não é de nada disso que tira sua existência. "Desejo" é na realidade, apesar de sua sangrenta construção, a demargia de um episódio de amor. Uma demargia amorosa que brota como um cactus nas paredes de pedra da casa de Efrain Cabot, no coração de Abbie Putman e floresce nas mãos de Eben. A coisa acontece assim: — O velho Efrain Cabot tem três filhos e uma fazenda com uma casa de pedra. Os dois filhos mais velhos, Simão e Pedro, são da primeira mulher e nada de especial os marca. São homens de seu tempo e de seu meio, bovinos e domésticos, apesar da centelha de aventura pioneira que os atrai aos eldorado da Califórnia do século XIX. Naquele tempo os homens bovinos e domésticos podiam ser aventureiros, como hoje podem ser aviadores.

O terceiro filho, Eben Cabot, provém do segundo matrimônio e sua mãe faleceu como uma flor pisada pelas botas do velho Cabot. Eben, que se tornou à mãe no encargo dos serviços domésticos, aprendeu na rotina cotidiana de seu trabalho o sofrimento da mãe. Está certo de que foi o pai que a matou, com a sua implacável aspereza. Seu jovem coração se alimenta desta amargura e se embriaga do desejo de vingança e de odio. O odio, o grande precursor do amor, ronda de todos

# Teatro

## ZIEMBINSKI VEIO...

### ANTONIO CÃO

os lados a casa de Cabot. Simão e Pedro odeiam o velho, porque sua persistência de viver lhes recarda o sonho da herança da fazenda e da partida para os caminhos de ouro da Califórnia. Eben o odeia, porque ele lhe roubou a mãe. O velho Cabot também odeia tudo e vive incrustado nas pedras de sua fazenda construindo uma solidão. Mas às vezes existe o diabo. E num dia de primavera o diabo entra no couro do velho e o velho sai numa charrete alceinada pelas estradas e traz ao voltar uma nova mulher, ambiciosa, ardente e bela. É Abbie Putman. À chegada da madrastra, Simão e Pedro tomam seus sacos de viagem e partem para a Califórnia. Estes são homens sem maldição e sem eleição e seus planos decorrerão por certo com todo sucesso. São homens do mundo e do tempo, e o mundo e o tempo conhecem seus filhos e para eles todos os problemas se solucionam honestamente, mesmo se for preciso fazer alguma trapaça. Porque a trapaça é a moral do mundo e do tempo. Quando Abbie Putman chega e se apodera da casa, o jovem Eben cresce em rancor e sede de vingança. É a usurpadora do lugar de sua mãe, é sua inimiga.

derar da fazenda. Eben rompe com a amante, e esta, para demonstrar seu amor, mata o filho querido que se erguera como um obstáculo ao amor.

Esta a história. Sobre ela se poderia escrever muito, sobretudo sobre o seu dramático final, quando os dois amantes se entregam nas mãos da polícia à justiça de Deus, este Deus que é o mesmo Deus de Efrain

com o amor, comenta desencantado: "Ninguém mata ninguém". Isto, porém é outra história. Vamos aos Comediantes, Ziembinski e Sandro, Olga e Orlando Guy.

O dirigente dos Comediantes demonstra uma perfeita noção do "rôle" de "metteur en scène" como até aqui talvez não tenhamos conhecido entre nós. Ziembinski, segundo a lição de Pitoeff, representa todos os personagens, no sentido de que lhes infunde a vida física, modela as máscaras humanas que escolhe, como escolhe e ritima as intonações da voz e dos gestos, mas também, e sobretudo, sopra nas narinas de cada ator a atmosfera de alma teatral que lhe cabe. Dar corpo a um sópro divino, deve ser a tarefa de Ziembinski. Numa peça demurgica como a de O'Neill, a demurgia do "metteur en scène" transporta o espectador à plenitude do absoluto teatral, abrindo a porta de todos os outros absolutos e dando ao teatro a concepção de Pitoeff — moral, social e metafísica. Concepção que, bem entendido, não hofe nada com os valores puramente artísticos do teatro, que são amorais, sociais e independentes da metafísica.



Ziembinski

Cabot, um "Deus duro e sozinho". Um Deus difícil, responsável por todas as coisas.

Mas não é nosso intuito falar sobre O'Neill e o sentido de sua peça, que é uma réplica talvez ao verso de Oscar Wilde na "Ballada do cárcere de Reading", de que os homens matam sempre o objeto do amor. Como o "fratelli a un tempo stesso Amore e Morie", de Leopardi. No primeiro ato, quando ainda não havia Abbie, quando não havia amor, os filhos, que viviam no odio, falavam vagamente em matar alguém. Mas Simão, como um coo-de todos os que não conhe-

Jardel Filho apresentam-se fazendo os dois filhos do velho Cabot, Simão e Pedro. Orlando Guy vive incensamente o camponês bruto, "bovino e doméstico e cheirando a terra", como se identificou O'Neill. É uma vocação genica inegável. Esse instituto de teatro observa-se também, embora menos desenvolvido, em Jardel Filho.

Ziembinski está sabendo no velho Cabot. Passagens como aquela do grande monólogo do solitário, quando arranca do fundo da alma a convicção de que Deus não é nada fácil; este Deus que está nas pedras, — assumem uma pujança dramática contagiosa e inesquecível. O velho vive neste momento, le absoluto drama, o coração da peça. Nada mais existe, nada existiu, nem a fazenda, nem Abbie nem Eben, nem mesmo o demônio. Ele está sozinho. Só com Deus e como Deus. Tudo em redor é um supra do Deus. É sua presença que vive nos objetos, nas pessoas, na terra e nos movimentos. Este mistério, que ninguém entende e do qual vive o solitário, impregnará deste momento em diante o episódio inteiro. O próprio delegado de polícia e presentará, quando no final lança um olhar de coibição sobre a fazenda. Eben mesmo está dominado por este sentimento, quando pronuncia a última palavra do último ato sobre a beleza da madrugada na fazenda. Mas a madrugada não existe, e a fazenda também não. Só Deus existe no coração dos solitários. Ziembinski, justamente como Pitoeff é um ator bilíngue. Os raras e pequenos defeitos de pronúncia em dois ou três sons de "e" aberto ou fechado são largamente compensados pelo sentido profundo que o estrangeiro descobre em cada palavra da língua nova, muito mais rapidamente que o nacional, afeito ao gaste rotineiro do verbo. É realmente assombrosa a valorização da palavra na boca, nos olhos, nas mãos, no corpo todo de Efrain Cabot.

É preciso que todo o mundo que gosta de teatro vá ver os comediantes, vá ver as primeiras flores do grande teatro no Brasil; este teatro que hoje começamos a ter, porque enfim Ziembinski veio...

Sobre o cenário de Eras Gonçalves, uma palavra. Creemos que a solução dada pelo jovem pintor e cenarista satisfaz certamente. É preciso adaptar a figuração de O'Neill ao pequeno palco do Ginástico e com isso achou uma fórmula que se ajusta bem à marcação que o diretor imprimiu à peça.

**V**OLTANDO ao assunto — Prêmios da Academia — insistimos na tese que procuramos defender no último domingo: a causa principal da sua insignificante repercussão literária é a modéstia do seu valor econômico. A Academia é a instituição que maior número de prêmios concede todos os anos no Brasil: nada menos de nove. Mas todos eles de pequeno valor Cr\$ 4.000,00 apenas), havendo somente um no montante de Cr\$ 10.000,00. Senão vejamos a relação geral desses prêmios:

- I — "Prêmio Machado de Assis", de Cr\$ 10.000,00, pelo conjunto de obra literária de escritor brasileiro que tenha publicado pelo menos um livro altamente recomendável, no triênio de 1944-1946;
- II — Nove prêmios de Cr\$ 4.000,00 cada um, destinados a livros "inéditos" ou "publicados em 1946", em língua portuguesa, de autores brasileiros. Estes prêmios são os seguintes:
  - a) — "Prêmio Olavo Bilac", para POESIA.
  - b) — "Prêmio Coelho Neto", para ROMANCE.
  - c) — "Prêmio Afonso Arinos", para CONTO e NOVELA.
  - d) — "Prêmio Silvio Romero" para CRÍTICA e HISTÓRIA LITERÁRIA.
  - e) — "Prêmio Joaquim Nabuco", para HISTÓRIA SOCIAL, POLÍTICA OU MEMÓRIAS.
  - f) — "Prêmio Artur Azevedo", para TEATRO.
  - g) — "Prêmio João Ribeiro", para FILOLOGIA, ETNOGRAFIA e FOLCLORE.
  - h) — "Prêmio José Veríssimo", para ENSAIO e ERUDIÇÃO.
  - i) — "Prêmios Carlos de Laet", para CRÔNICAS, VIAGENS e quaisquer outros escritos que se não enquadrem precisamente nas alíneas precedentes.

Como se vê, prêmios numerosos e para todos os gêneros literários. E, o que é mais, embora diluídos em pequenas parcelas de quatro mil cruzeiros, eles atingem um total de 46 mil, o que representa, em última análise, a mais considerável soma de dinheiro empregada no Brasil em iniciativas do gênero. A não ser o Instituto Brasileiro de Educação e Cultura, que promete prêmios de 50 mil cruzeiros e até mais, os nossos prêmios culturais são todos eles de quantias inferiores ao total do que dispõe com o assunto a Academia. O "Prêmio Felipe d'Oliveira" é apenas de Cr\$ 5.000,00; o "Prêmio Graça Aranha" (que tem sido ultimamente um simples "prêmio simbólico") era de Cr\$ 3.000,00; o da Academia Paulista de Letras é de Cr\$ 10.000,00. Só o "Prêmio Calógeras", instituído pelo sr. Valentim Bouças, para ser conferido pela Associação Brasileira de Escritores, atinge uma soma realmente elevada: Cr\$ 25.000,00. Os outros todos, porém, são mais ou menos do mesmo nível dos prêmios da Academia. Ora, ao que nos parece, andaria bem avisada a Casa de Machado de Assis se revisse o regulamento dos seus prêmios, reduzindo-lhes o número e aumentando-lhes a dotação. Em lugar de nove prêmios de Cr\$ 4.000,00 cada um

# no petit trianon

e um apenas de Cr\$ 10.000,00, a Academia poderia arredondar sua dotação orçamentária para Cr\$ 50.000,00 (4 mil cruzeiros a mais, somente) e distribuir todos os anos só dois grandes prêmios — de 25 mil cruzeiros cada um — o "Prêmio Machado de Assis", para prosa, e o "Prêmio Olavo Bilac", para poesia. Evidentemente um prêmio literário de 25 mil cruzeiros, no Brasil, já significaria alguma coisa, e havia fargosamente de despertar mais vivo interesse nos nossos altos círculos culturais. Aliás, por ocasião da passagem do Centenário de Machado de Assis, por proposta da comissão encarregada de elaborar o programa daquelas comemorações, o governo instituiu dois prêmios desse tipo — um de Cr\$ 50.000,00 e um de Cr\$ 30.000,00, que infelizmente caíram no mais completo esquecimento, não chegando jamais a ser concedidos, por um simples motivo de omissão orçamentária...

A Academia, dentro da linha geral que inspirou os malogrados "Prêmios Machado de Assis" do Ministério da Educação, poderia instituir, portanto, em vez de 10 pequenos prêmios anuais, no valor total de 46 mil cruzeiros, o que dilui e degrada a sua importância, dois grandes prêmios de 25 mil cada um — para prosa e poesia, apenas — na soma global de 50 mil cruzeiros. Se assim procedesse a Academia viria prestar evidentemente mais um belo e grande serviço às nossas letras, contribuindo de modo considerável para o progresso cultural do país.

Em sessão pública das mais brilhantes, a Academia recebeu na última quinta-feira, o sr. André Siegfried. O economista francês foi saudado pelo sr. Rodrigo Otávio Filho que fez um discurso elegante, discreto e fino. Ao sr. Siegfried coube fazer uma conferência sobre a língua francesa. Foi uma hora de puro encantamento espiritual a que ele nos deu. Fluente, claro e preciso, ele falou durante cerca de uma hora sobre as características fundamentais da língua francesa, das quais, de resto, sua palestra admirável foi um exemplo. Fa-

lando, aliás, da língua francesa, ele nos deu em última análise, um estudo penetrante e feliz da psicologia do próprio povo francês, de cujas quantidades essenciais a bela língua de França é um fiel espelho. ....

Faleceu, na semana passada, um dos servidores mais antigos, mais fiéis e devotados da Academia: o continuo Antonio Barbosa. Tendo entrado para a Academia desde que se inaugurou o Petit Trianon, ele ali serviu há 23 anos — e era por todos estimado.

Os srs. Pedro Calmon e Ala-

nho de Fúria, lamentando a morte repentina de Barbosa, fizeram-lhe a elogio comovido.

O sr. Levy Carneiro propôs um voto congratulatório na ata pela promulgação da Constituição, acentuando sua importância e importância.

Na próxima quinta-feira, às 17 horas, o sr. Peregrino Junior fará uma conferência sobre o patrono de sua cadeira, João Francisco Lisboa. Essa conferência faz parte da série do "Ciclo do Cinquentenário" e para ela não haverá cobrimento especial, sendo franca a entrada.

Na próxima dia 7 de outubro Pomara posse da cadeira n. 3, substituindo Filinto d'Almeida, o sr. Roberto Simonsen, que será saudado pelo sr. José Carlos de Macedo Soares.

Na próxima sessão da Academia o sr. Luis Edmundo vai reabrir o debate sobre a questão da Língua Brasileira.

A Academia resolveu publicar uma edição do "Florilegio da Poesia Brasileira", de Varnhaugen, em 3 volumes, anotada e comentada pelo sr. Rodolfo Garcia



# Humor em revista

## Biografia

MARIO DE ANDRADE — "Padre Jesuino do Monte Carmelo". — Publicação n. 14 do SPHAN — Edição do Ministério de Educação e Saúde, 1945

É com saudade e ao mesmo tempo respeito que a gente pega no livro que Mário de Andrade terminou às vésperas de sua morte. Saudade porque nos lembramos do bom gigante e respeitamos porque o livro apareceu depois que ele morreu naquela triste noite de 25 de fevereiro, já lá vai um ano e pico.

Nesta publicação do SPHAN — que de tão rara quase ninguém conhece (o meu volume foi presente do Carlos Drummond de Andrade) — estuda — com ele próprio o diz — "a mais curiosa e importante figura da arte colonial paulista (que) é o padre Jesuino do Monte Carmelo, músico, pintor, arquiteto e talvez entalhador." Por esta afirmação do autor já se vê a importância do volume, dado o culto da figura estudada. Realmente o padre Jesuino é uma figura ímpar que estava mesmo à espera de um sujeito como Mário para se revelar aos seus próprios patriotas.

Vale a pena ler este volume, pois mesmo aqueles que não se interessam por estes problemas históricos saberão apreciar a vida de um homem que teve a audácia de tudo e que em tudo fr cassou. (Menos na pintura, aliás). Saberão também apreciar (mais uma vez) o valor de Mário de Andrade como pesquisador que — como se sabe — era um dos trezentos e cinquenta em que o escritor se multiplicava. Ou se dividia.

Alc. Silv.

RAYMUNDO DE MENEZES, "Emílio de Menezes", Martins, Editora, 1946.

A predileção que Raymundo de Menezes tem pelos boêmios é notável: tendo escrito "A Vida Boêmia de Paula Nei", dá-nos agora "Emílio de Menezes, o último boêmio" já estando preparando "Martin Francisco, um boêmio de espírito" e "Guimarães Passos, poeta e boêmio". Como se vê, ao autor não interessam muito os brasileiros que foram úteis à pátria nem os políticos que ajudaram a colocar o país na situação em que se encontra. Para ele é na pura boêmia...

Nunca tive simpatia por essa geração passada, que vivia soltando trocadilho entre uma empada e um chopp, nada fazendo de útil, avesso vivo desta geração intelectual de hoje, exageradamente apegada a coisas seríssimas, com ar de quem deseja resolver o problema do mundo. No entanto leio com prazer algumas páginas de Raymundo de Menezes em que ele dá vida nova ao anedotário dos Paula Nei e dos Emílio de Menezes.

Pena, entretanto, é que o autor — que tem jeito para a coisa e bastante inteligência — teime em ficar no terreno da anedota e da piada. Rinal esses homens deviam ter feito mais alguma coisa além disso. Penso que Raymundo de Menezes, bem poderia — em algum livro próximo — focalizar uma outra figura do nosso passado e mostrar aos seus inumeráveis leitores uma vida que fosse para eles um exemplo digno de ser imitado. Porque — como escrevi — talento não lhe falta. Nem jeito.

ALC. SILV.

## Conto

XAVIER PLACER — "Doze Histórias Curtas" — Livraria Agr. Editora, 1945

A gente passa por estas doze histórias de Xavier Placer sem se comover, sem ser atraído por qualquer dos personagens que se vivem, sem se deter num trecho interessante ou numa página bem escrita.

A contribuição do autor para a evolução do gênero preferido por Maupassant, seja quanto à técnica ou quanto ao estilo, não existe: é um contista a mais;

como muitos outros que não trazem revelação alguma. No entanto seu livrinho é lido de uma só vez, suas quase duzentas páginas passando entre nossos dedos muito celeremente. Terminada a leitura, porém, não guardamos um nome de seus heróis ou heroínas, já esquecemos o enredo de todas as histórias.

Das doze histórias prefiro "Lucila", em forma de diário. É não somente a mais original como a que desperta um pouco de interesse. "Um marido", ou "A Mariposa e a Chama" também agrada pois o autor conseguiu deixar o leitor sem uma solução para o caso de Gondiu; o final deste conto é bem feliz e não repete o chavão antigo de que o autor abusa em "O caso do broche". "Retrato da moça de verde", etc. Sente-se que Xavier Placer tem qualquer coisa a nos revelar, algo que ele nem mesmo sabe o que seja, que jaz no seu coração ou na sua alma. No dia em que ele conseguir exteriorizar esse sentimento e jogá-lo no papel, então, teremos o livro que dele esperamos. E que — estou certo — será um romance. Seus dois livros têm que ser enxergados como tentativas.

Alc. Silv.

## Direito

A "Coleção Jacinto", da Editora A NOITE.

Transformando agora as suas atividades, ampliando o seu programa, participando de mais perto da vida da cultura, a Editora "A Noite", ao lado do movimento do livro em geral, acaba de criar inúmeras coleções que justificam perfeitamente o apoio da inteligência e a preferência do público. Dentre estas, sabressa a "coleção Jacinto", destinada aos livros jurídicos, que ambiciona reunir em volumes, sob a responsabilidade de autores consagrados, o que de melhor se venha a realizar como estudo de direito. Selecionando rigorosamente pretende, já na seleção, orientar os leitores.

Iniciando essa coleção, como seu primeiro volume, acaba de ser publicado o "Código de Processo Penal", de Ari Franco. Em 3.ª edição, indispensável em qualquer biblioteca especializada, esse é um livro que se pode afirmar esteja incorporado definitivamente ao moderno espírito jurídico brasileiro. Escrito com clareza, os comentários expressos numa forma didática, os assuntos decompostos com método, não enriquece apenas a nossa bibliografia jurídica. Valoriza-a, sobretudo quando sentimos nas suas páginas, densas de objetividade e penetração crítica, um natural e vivo estilo literário.

Primeiro livro de uma coleção. "Código de Processo Penal", de Ari Franco, poderá indicar os livros futuros. E os futuros autores. Contam-se, efetivamente, já programados, obras de utilidade indiscutível que, contribuindo para solução de certos problemas, não deixam de auxiliar os estudiosos na interpretação das leis. Especializados quase todos, os livros divergem no conteúdo. Alguns, de tese ou de fundo teórico; outros, técnicos, de fundo prático. Todos porém necessários à consulta imediata.

Com a "Coleção Jacinto", pois, a Editora A Noite se propõe a entregar ao leitor de língua portuguesa, com oportunidade, os melhores livros jurídicos.

## Ensaio

Thomaz Mann — "Freud, Goethe, Wagner, Tolstoi, Posidon, Buenos Aires".

Quatro magistrais conferências do autor de "A Montanha Mágica". A primeira sobre Freud é, realmente, original e nos ensina a considerar a psicanálise sob um ângulo novo. O trabalho sobre Wagner recorda o de Ailthey a respeito do mesmo compositor. Vale a pena entrar em contato com o ensaísta Thomaz Mann, tão grande quanto o romancista. Ou maior.

R.F.

## Filosofia

Santo Tomás de Aquino — "Del Ente y de la Essencia", Losada, Buenos Aires.

A que eu saiba, não há uma tradução portuguesa deste famoso "Sermo et tractatus de ente et essencia" que passa, entre os escritos menores do doutor Angelico, como a verdadeira introdução à "filosofia perene". Por isso, a excelente versão de Luis Lituma e Alberto Wagner de Reyna, professores da Universidade Católica do Peru, deve constituir motivo de júbilo para os leitores brasileiros afeiçoados aos problemas da metafísica. Para compreender Husserl — pai da fenomenologia — e Kierkegaard — pai do existencialismo — o "Do ente e da essencia" vem a ser uma leitura preparatória fundamental.

R.F.

Francisco Vera — "Puntos criticos de la Matematica contemporanea" Losada, Buenos Aires.

Francisco Vera, professor argentino, é autor de uma pequena e poderosa "Historia da Matematica" que divulgou seu nome entre os leitores brasileiros. Este volume, quase todo resumido dos cursos de extensão professados pelo A. em Universidades sul-americanas, traz o seguinte índice, pelo qual se verifica a importância e a atualidade dos pontos criticos considerados: "Está em crises la matematica?" (Ca. I); "El tertium non datur en la matematica actual" (Cap. II); "La Matematica del siglo XX" (Cap. III); "Axiomatica" (Cap. IV); "Gramatica, logica y matematica" (cp. V); "Matematica finitista y matematica infinitista" (cap. VI); "La crisis de la intencion y el transfinito" (cap. VII).

R.F.

## Novela

A PROFESSORA HILDA — Lucio Cardoso — Livraria José Olympio, 1946.

O sr. Lucio Cardoso é um dos nossos romancistas mais fecundos. Mas essa fecundidade não prejudica em nada a qualidade. A cada novo livro do sr. Lucio Cardoso, surpreendemos um novo passo para uma perfeição literária que se aproxima cada vez mais, num sentido de amplitude e força, só comparável à "Tragédia Burguesa" do sr. Otávio de Faria.

No drama dessa professora do interior que sofria uma terrível mania de perseguição, e vivia mergulhada em um mundo dolorosamente solitário — na curta e densa história de uma danação, o sr. Lucio Cardoso nos apresenta uma das melhores coisas que já escreveu. É um livro bem escrito, varrido por uma poesia agreste e desolada, que tem o poder de prender a atenção do leitor até o desenlace de uma crise que talvez não interesse a todas as pessoas, mas nem por isso deixa de existir: o da falta de fé, da limitação de certas almas que substituíram o egoísmo pela esperança, e o sofrimento infecundo pela oferta de si mesmo.

É, finalmente, o drama da ausência de Deus até a hora última. E este tema nada tem de precioso ou invulgar: pertence a todos os dias, desenrola-se em todas as cidades do mundo.

Com a "Professora Hilda" afirma magistralmente o sr. Lucio Cardoso a poderosa ascensão que marca sua vida literária. Aos trinta anos, ele possui uma bagagem que honra a qualquer grande escritor que tivesse atingido os cinquenta. Isso porque, assistido pela certeza da missão do romance, é e principalmente um artista, o levanta a Beleza do nada para incorporá-la à vida.

C. SOARES.

JAKOB WASSERMANN — "Golovin y El Crimen Angélico" — tradução respectivamente de F. Oliver Branchfeld e Alfredo Cahn — Santiago Rueda, Editor — Buenos Aires

Depois que Otávio de Faria e Adonias Filho traduziram "O Processo Maurizius", Wassermann ficou conhecido até de calceirinhas que se contentam com os romances da Senhora Leandro Dupré. Por isso não sem propósito que chamamos a atenção dos leitores para a tradução argentina destas duas novelas, que embora não reflitam todo o valor do romancista, podem ser lidas sem prejuízo algum. Mesmo porque quem deseja realmente conhecer um escritor não pode se contentar somente com suas obras primas.

Traz ainda este volume extenso estudo de Lázaro Liachó sobre a vida e a obra de Wassermann, indispensável aos que só compreendem bem um romancista quando lhe conhecem a vida, estudo sobre o qual se aprofundou sequiosamente um dos nossos ilustrados críticos para escrever seus rodapés...

"Golovin" e "El Crimen Angélico" pertencem à série de "O Escândalo do Fidalgo Ernesto", isto é: são novelas curtas, sem grandes pretensões. Sente-se que Wassermann as escreveu sem muito esforço e sem precisar passar algum tempo observando prisões, como aconteceu com "O Processo Maurizius". Elas não aumentam nem diminuem o valor literário do autor, mas é justamente por isso que devem ser lidas para que não se fique pensando que o romancista escrevia unicamente livros superiores.

Alc. Silv.

Longo — "Dafnis y Cloe", Sopena, s. d.

Discutem a autoria desta novela grega, como se discute até hoje a existência real de Homero. De qualquer forma, "Dafnis e Cloe", que Schopenhauer erigiu em símbolo da atração dos sexos, é um belo poema de amor capaz de resistir às modas literárias de todos os tempos. Mais citada do que lida, a história desses dois pastores parece ter sido, de fato, o ponto de partida do romance no mundo. Um prefácio erudito e, pois, instrutivo, do tradutor, valorizou sobretudo o volume noticiado. Versão direta de Juan Valera, prosador espanhol do século XIX, autor do romance "Pepita Jimenez", cuja tradução brasileira existe por aí.

R. Fusco

## Poesia

OSWALDINO MARQUES — "Cantos de Walt Whitman" — Introdução de Annibal M. Machado — Livraria José Olympio Editora — 1946

Oswaldino Marques se firmou como um dos melhores tradutores da poesia de língua inglesa entre nós. Há muito que nos habituamos a vê-lo nos suplementos literários se esforçando para tornar acessíveis a grande número de leitores os versos de um Edgard Lee Masters, de um T. S. Elliot, de um Langston Hughes, de um James Weldon Johnson. Agora ele nos dá a tradução de alguns poemas de Whitman — os mais conhecidos — da lírica do poeta que lia seus versos a si próprio ao ar livre, entre as árvores, os astros e os rios. Além dos versos Oswaldino Marques ainda apresenta seus leitores com um prefácio e notícia biográfica do poeta norte-americano. Annibal Machado se encarrega por sua vez de enriquecer o livro com o seu conhecido estudo, de maneira que este pequeno volume de meios de cem páginas é precioso para os que se aproximam pela primeira vez de Walt Whitman.

Não cabe nesta simples nota o exame da tradução em si, mormente quando se trata de tradução de versos, tarefa árdua na qual poucos vencem. Basta por enquanto salientar a intenção do tradutor, desejando dar aos seus patriotas uma imagem (embora pálida) do que é o gigante Walt Whitman. Realmente, é

uma pena que nem todos conheçam esse poeta, cuja poesia fala de perto à nossa sensibilidade de tropicais tão acostumados com este sol, estes rios e cachoeiras, esta natureza enfim a que o vate barbudo dedicou quase toda a sua lira.

Alc. Silv.

OLIVEIRA RIBEIRO NETO — "Cantos de Glória" — Livraria Martins Editora — 1946

Como o músico que deve tocar de acôrdo com o instrumento que assopra ou dedilha, isto é, não tentando executar, por exemplo, o "Clair de Lune" de Debussy em trombone de vara, assim o poeta precisa verzejar de acôrdo com os seus sentimentos, com a força ou o volume do seu êstro. Não pensa assim Oliveira Ribeiro Neto e é pena pois com isto está levando sua poesia para uma direção errada, e o exemplo temos neste seu último livro que canta a glória da Faculdade de Direito de São Paulo, a terra brasileira, a noite paulista e outras glórias de nossa pátria. Prefiro vê-lo cantando uma flor que desabrocha na ponta de um galho, um regato que murmura por entre pedras, a estrela vespertina brilhando no alto do firmamento, porque estes são os verdadeiros temas, os motivos inspiradores de sua poesia, nascida para entoar minuetos ou valsas românticas e nunca para executar hinos barulhentos. E por isso que nem sempre seus cantos de glória apresentam harmonia e sonoridade perfeitas. Citemos uns versos, por acaso:

"Noite amiga, fecunda é frutificadora,  
[ceira,  
a espalhar pelo céu a sementeira  
de estrelas de ouro e luz num  
campo azul.

Noite boa, madrinha protetora  
deste verde milagre da lavoura  
abençoada pela cruz do sul."

Vejam como soa falso aquele "verde milagre da lavoura" no meio das "estrelas" de ouro e luz num campo azul". Por que não cantar somente as estrelas ou a noite frutificadora? Por que não falar em Liberdade, em Glória, em Anchieta, quando sua lira nasceu para cantar os passarinhos, o luar e os mal-me-querês?

Alc. Silv.

## Romance

MRS. DALLOWAY — Virginia Woolf — tradução de Mário Quintana — Livraria do Globo, 1946

Houve no mundo raríssimas mulheres geniais. Duas delas nasceram na Inglaterra, e foram Emily Bronte e Virginia Woolf. É justamente desta que acaba de sair, pela primeira vez em língua portuguesa, um dos seus romances mais famosos que enriquece poderosamente o movimento editorial deste ano.

Em "Mrs. Dalloway", sem favor uma obra prima de romance, o leitor brasileiro poderá ter idéia do mundo maravilhoso e inquietante que se abriga nas páginas escritas pela autora de "The Waves". Com um estilo férreo e cintilante — como um diamante ao sol, ela descreve um dia — marcado pelas badaladas do Big-Ben. E neste dia está Clarissa Dalloway, preparando uma festa. Os leitores possivelmente estranharão o conteúdo deste romance, que levanta uma série de quadros, situações e detalhes que não pertencem ao trivial romanesco. Entretanto, justamente ali está de grande lição woolfiana: para ela, o material usualmente empregado na confecção de um romance não tinha a importância que se lhe costumou dar. Com a sua estranha visão da vida e do drama do homem, ela construiu uma estética surpreendente original, que reflete a grandeza de seu pensamento e o poder de sua técnica. Tudo isto se encontra em "Mrs. Dalloway", nesse dia que transcorre entre flores, lembranças, conversas banais de pessoas educadas, discussões, a visão da cidade de Londres, e a sombra inevitável da morte, que espregueia as criaturas.

Cristiano Soares



# GRANDE CONCURSO DE CONTOS DE "LETRAS E ARTES"

## CLASSIFICADO O CONTO DO SR. ADALARDO CUNHA - NOVAS RECOMENDAÇÕES A OS CONCORRENTES - CORRESPONDÊNCIA

CONTINUA extraordinário, além de toda expectativa o número de originais que vimos recebendo para o nosso concurso de contos. De tal forma que, se continuar a crescer a onda de concorrentes, seremos obrigados a restringir as nossas respostas aos mesmos, na "Correspondência". Já não são mais quarenta, e sim cinquenta ou sessenta concorrentes a demandarem um julgamento, semanalmente. Desejariamos limitar-nos a simples indicações: "Desclassificado", ou "Classificado"; mas se no último caso bastará isso; no primeiro, bem sabemos o efeito que tal secura pode produzir. Dentro em pouco, porém, não veremos outra solução para atender o número asseverante de concorrentes. Convém acentuar que o critério de seleção ainda não está rigorosa como desejávamos. Dissemos e repetimos, destinar-se o concurso, de preferência, aos escritores novos e inéditos. Tal circunstância não nos levará, entretanto, a admitirmos quem não mostre vocação de escritor, não revele mérito literário. É a simples facilidade de escrever, de redigir não basta para ser escritor e muito menos para fazer-se um conto. Passam-nos, constantemente, pelas mãos, páginas bem escritas, sem erros, sem tolices, em boa sintaxe nas quais, apesar de tudo não encontramos nenhum mérito literário. Insistimos pois, no nosso apelo: queremos escritores: que estes não se receiem em enviar-nos suas produções; dêles depende a elevação do nível do concurso. Não se imagine, também, que a seção "Correspondência" tem a feição de um tribunal ou de uma banca examinadora, onde vamos distribuindo puxões de orelha. O caráter até certo ponto educativo que procuramos dar ao certame, levou-nos a atender dessa forma os concorrentes, fazendo observações e sugestões de possível utilidade para os principiantes, os plúmivos. Certamente, os que já demonstrarem qualidades suficientes, escaparão a tais adminículos. Quanto aos desclassificados, desculpem a nossa franqueza. Não pode ser de outra maneira, meus amigos. Recebemos muitas cartas cheias de esperanças verdadeiramente enternecedoras e sentimos ter de derubar alguns castelos. Mas a literatura não é um jogo de xadrez nem uma simples recreação: é algo de mais sério, de muito mais sério. A benevolência excessiva será duplamente condenável num país como o Brasil, onde prevalece um critério fraco e de pouca responsabilidade no julgamento das coisas literárias.

autor: "O personagem é fictício, mas o fato é verdadeiro". Verdadeiro, mas o senhor não soube transformá-lo num bom conto. Desclassificado.

ARCILINO TAVARES — Embora não redigindo mal, não chegou a fazer contos em condições de ser classificado. Foi o que acontece com "O Poder de uma canção" e "O Navio de Deus lhe deu".

LUCAS ALVIM — Petropolis — Terrivelmente melodramático "Uma Cruz na Estrada". Desclassificado. Tente outro.

ERNESTO PAIS GUIMARAES — Não contém tolices, mas muito vulgar "A Última Fugança". Desclassificado.

CARLOS ALCEU JUNQUEIRA, São Paulo — Agradecemos as palavras de estímulo. O limite não pôde ser ultrapassado. Os que, porém, o desobedecerem serão considerados ou não, de acordo com um critério particular. O concurso é permanente, não havendo, portanto, prazo — para a entrega de originais e nem limitação de números para os concorrentes.

JOÃO CALISTO LOBO — Seu conto revela qualidades. Continue. Não chegou, porém, a ser classificado.

ORLANDO BASTOS — São Paulo. Seu conto está nas mesmas condições do do concorrente acima. Bem escrito, mas um tanto banal. Procure fazer melhor.

OSÓRIO — Rio — Aconselhamos a ler os grandes contistas. Só então poderá compreender o que se deseja como conto. Por ora, desclassificado.

CLARUS TARAMIS — Bem fraco o "Passageiro de Segunda". Desclassificado.

RICARDO BARBATANA — Nas mesmas condições do anterior.

SERGIO — Classificado. Aguarde publicação.

NABOR FERNANDES — Rio — Muito cheio de lugares comuns o "Poder da Inocência". Desclassificado.

GEORGES WILHEIM — São Paulo — Presente-se no autor de "Um caso muito alto" tendências literárias. Deve continuar o conto, porém, não pode ser classificado.

LUIS TOLEDO MACHADO — "O Balisa" não está mau, embora não chegue a ser classifi-

cado. Veja se faz melhor. Me-nos banal do que este último.

J. C. DA ROCHA SOBRINHO — Tem qualidades, redige bem. Mas o "Cheque" não está em condições de ser classificado.

H. M. D. — Rio — O conto "A História de meu filho" foi desclassificado.

O COUPON PARA A VOTAÇÃO POPULAR

Continuamos hoje a publicação do coupon do concurso na 3.ª página da 1.ª seção da "MANHÃ". Como já declaramos, deve ele ser remetido, depois de preenchido — para a MANHÃ — praça Mauá, 7, "Grande Concurso de Contos de Letras e Artes". — Coupon.

Neste, o leitor assinala o melhor conto, dos contemplados, publicado pelo suplemento durante o mês.

Há um prazo de 1 mês para a remessa desse coupon.

Desta forma, o premiado do mês pelo concurso popular só será proclamado no fim do mês seguinte. O prêmio estabelecido corresponde à importância de 500 cruzeiros sem contar os 300 cruzeiros pagos na ocasião em que o conto foi classificado pela comissão julgadora.

O PAGAMENTO DOS CONTOS CONTEMPLADOS

O pagamento dos contos contemplados no concurso é efetuado aos sábados e às segundas-feiras na Caixa de "A Noite". Para melhor orientação poderão os interessados procurar na portaria de A MANHÃ 5.º andar do Edifício de "A Noite", o sr. Rodolfo Ferreira, que prestará todos os esclarecimentos necessários.

Quanto aos contemplados dos Estados, A MANHÃ providenciará a remessa da importância diretamente ao destinatário, ou à agência da Empresa "A Noite", caso exista na localidade.

AS BASES DO CONCURSO

Repelimos, a seguir as bases do concurso:

a) O concurso terá caráter permanente, devendo toda semana ser publicado, com ilustração, um conto escolhido pela Comissão Julgadora, entre os recebidos nesse espaço de tempo, conferindo-se ao autor a importância de 300 cruzeiros;

b) Terminado o mês, caberá ao leitor desse dia — por meio de voto, enviado num coupon estampado em A MANHÃ — qual o melhor dos contos publicados. Os votos serão recebidos até o fim do mês próximo, quando se procederá à apuração, sendo o resultado publicado no número imediato e cabendo ao vencedor além da importância de 300 cruzeiros, com que já fora contemplado, mais o prêmio de 500 cruzeiros.

c) O concurso será franqueado a todos os escritores brasileiros, sem exceção. Fazemos, entretanto um apelo aos novos ou ainda inéditos para se valerem desta oportunidade de pôrem à prova suas aptidões, já que um dos principais objetivos do concurso é contribuir para estímulo das vocações literárias.

d) Os originais não deverão exceder de três páginas e meio (tipo almaço) dactilografados, com dois espaços, ou seis páginas em manuscrito com a condição de ser a letra perfeitamente legível.

e) Os autores poderão usar de pseudônimo, revelando, porém confidencialmente, o nome, com a indicação de ser ou não publicado o mesmo, se classificado ou premiado o conto. Os originais não serão devolvidos.

f) Toda correspondência relativa ao concurso deverá endereçar-se à Redação da A MANHÃ trazendo a indicação "GRANDE CONCURSO DE CONTOS DE 'LETRAS E ARTES'". Será mantida uma seção permanente no Suplemento Literário destinada à referida correspondência. Ninguém ficará sem uma resposta.

A Comissão julgadora é constituída pelos seguintes escritores: — Adonias Filho, Lucio Cardoso, Marques Rebelo, Manuel Bandeira e Brito Broca, que será o secretário do Concurso.

AVISO AOS CONCORRENTES

Pedimos aos concorrentes anunciar sempre o nome e o pseudônimo no próprio original do conto a fim de facilitar o nosso trabalho.

O CONTO CLASSIFICADO

Foi classificado esta semana o conto "Culpado", do sr. Adalardo Cunha, hoje publicado.

— Mas isso não se faz. Assim...

As mãos suavam no bolso. Não esperava por aquilo. Pensou que o outro tivesse um pouco mais de consideração. Não era um assassino, um ladrão. Ficou pensando no "ladrão".

Afinal de contas ele já havia recebido o dinheiro — 5.000 cruzeiros — e o trabalho estava incompleto. Revisor de uma figa.

Amanhã eu trago tudo direitinho. E até amanhã, Oliveira.

O matraquear da máquina não o deixou ouvir a resposta do outro.

Será que ele respondeu? Enquanto esperava o elevador, decidiu que iria tomar um curso intensificado de inglês. Era preciso. Ele, que viera da província com tantas apresentações, precisava ser mais honesto, mais direito. O seu nome... O elevador passou lotado e ele desceu pelas escadas.

Mas não voltou no dia seguinte. Nem nunca mais. O pai morrera na província e ele teve que ir tomar conta dos negócios da família. Parece que uma criação de galinhas Leghorn.

Felizmente.

Dantas Motta.

— Não, doutor, o filho desse

mulher, chamado João Quilabo, e que hoje reside na cidade de Tupan, no Estado de São Paulo, é músico também. E o senhor sabe: os músicos, como os bachareis, sempre tiveram solidariedade de classe.

A pedido da família ainda não enlutada a banda não tocou no trajeto compreendido pela Rua onde se assenta o casarão-sobrado do Simplicio.

Outros óbitos de indigentes ocorreram, depois, com certa insistência em Ilha das Cabras, como os de Sinhã Gata, Chiquinha Gaga, Benedito Sapo, Manuel Sambaíba, Toninho Xanxo e Sinhã Carmelo. A todos a banda deu a graça de sua comparação.

Quando morreu o Tabelião Simplicio, a banda, por deliberação expressa do morto, não tocou, mas compareceu ao enterro com os instrumentos enfiados por uma fita preta, à exceção do Lolô que alegara ser preta a cor de seu instrumento. Hoje, já há enterros sem banda de música em Ilha das Cabras.

Felizmente.

Dantas Motta.

— Não, doutor, o filho desse

mulher, chamado João Quilabo, e que hoje reside na cidade de Tupan, no Estado de São Paulo, é músico também. E o senhor sabe: os músicos, como os bachareis, sempre tiveram solidariedade de classe.

A pedido da família ainda não enlutada a banda não tocou no trajeto compreendido pela Rua onde se assenta o casarão-sobrado do Simplicio.

Outros óbitos de indigentes ocorreram, depois, com certa insistência em Ilha das Cabras, como os de Sinhã Gata, Chiquinha Gaga, Benedito Sapo, Manuel Sambaíba, Toninho Xanxo e Sinhã Carmelo. A todos a banda deu a graça de sua comparação.

Quando morreu o Tabelião Simplicio, a banda, por deliberação expressa do morto, não tocou, mas compareceu ao enterro com os instrumentos enfiados por uma fita preta, à exceção do Lolô que alegara ser preta a cor de seu instrumento. Hoje, já há enterros sem banda de música em Ilha das Cabras.

Felizmente.

Dantas Motta.

— Não, doutor, o filho desse

mulher, chamado João Quilabo, e que hoje reside na cidade de Tupan, no Estado de São Paulo, é músico também. E o senhor sabe: os músicos, como os bachareis, sempre tiveram solidariedade de classe.

A pedido da família ainda não enlutada a banda não tocou no trajeto compreendido pela Rua onde se assenta o casarão-sobrado do Simplicio.

Outros óbitos de indigentes ocorreram, depois, com certa insistência em Ilha das Cabras, como os de Sinhã Gata, Chiquinha Gaga, Benedito Sapo, Manuel Sambaíba, Toninho Xanxo e Sinhã Carmelo. A todos a banda deu a graça de sua comparação.

Quando morreu o Tabelião Simplicio, a banda, por deliberação expressa do morto, não tocou, mas compareceu ao enterro com os instrumentos enfiados por uma fita preta, à exceção do Lolô que alegara ser preta a cor de seu instrumento. Hoje, já há enterros sem banda de música em Ilha das Cabras.

Felizmente.

Dantas Motta.

— Não, doutor, o filho desse

mulher, chamado João Quilabo, e que hoje reside na cidade de Tupan, no Estado de São Paulo, é músico também. E o senhor sabe: os músicos, como os bachareis, sempre tiveram solidariedade de classe.

A pedido da família ainda não enlutada a banda não tocou no trajeto compreendido pela Rua onde se assenta o casarão-sobrado do Simplicio.

Outros óbitos de indigentes ocorreram, depois, com certa insistência em Ilha das Cabras, como os de Sinhã Gata, Chiquinha Gaga, Benedito Sapo, Manuel Sambaíba, Toninho Xanxo e Sinhã Carmelo. A todos a banda deu a graça de sua comparação.

Quando morreu o Tabelião Simplicio, a banda, por deliberação expressa do morto, não tocou, mas compareceu ao enterro com os instrumentos enfiados por uma fita preta, à exceção do Lolô que alegara ser preta a cor de seu instrumento. Hoje, já há enterros sem banda de música em Ilha das Cabras.

Felizmente.

Dantas Motta.

— Não, doutor, o filho desse

mulher, chamado João Quilabo, e que hoje reside na cidade de Tupan, no Estado de São Paulo, é músico também. E o senhor sabe: os músicos, como os bachareis, sempre tiveram solidariedade de classe.

A pedido da família ainda não enlutada a banda não tocou no trajeto compreendido pela Rua onde se assenta o casarão-sobrado do Simplicio.

Outros óbitos de indigentes ocorreram, depois, com certa insistência em Ilha das Cabras, como os de Sinhã Gata, Chiquinha Gaga, Benedito Sapo, Manuel Sambaíba, Toninho Xanxo e Sinhã Carmelo. A todos a banda deu a graça de sua comparação.

Quando morreu o Tabelião Simplicio, a banda, por deliberação expressa do morto, não tocou, mas compareceu ao enterro com os instrumentos enfiados por uma fita preta, à exceção do Lolô que alegara ser preta a cor de seu instrumento. Hoje, já há enterros sem banda de música em Ilha das Cabras.

Felizmente.

Dantas Motta.

— Não, doutor, o filho desse

mulher, chamado João Quilabo, e que hoje reside na cidade de Tupan, no Estado de São Paulo, é músico também. E o senhor sabe: os músicos, como os bachareis, sempre tiveram solidariedade de classe.

A pedido da família ainda não enlutada a banda não tocou no trajeto compreendido pela Rua onde se assenta o casarão-sobrado do Simplicio.

Outros óbitos de indigentes ocorreram, depois, com certa insistência em Ilha das Cabras, como os de Sinhã Gata, Chiquinha Gaga, Benedito Sapo, Manuel Sambaíba, Toninho Xanxo e Sinhã Carmelo. A todos a banda deu a graça de sua comparação.

Quando morreu o Tabelião Simplicio, a banda, por deliberação expressa do morto, não tocou, mas compareceu ao enterro com os instrumentos enfiados por uma fita preta, à exceção do Lolô que alegara ser preta a cor de seu instrumento. Hoje, já há enterros sem banda de música em Ilha das Cabras.

Felizmente.

Dantas Motta.

— Não, doutor, o filho desse

mulher, chamado João Quilabo, e que hoje reside na cidade de Tupan, no Estado de São Paulo, é músico também. E o senhor sabe: os músicos, como os bachareis, sempre tiveram solidariedade de classe.

A pedido da família ainda não enlutada a banda não tocou no trajeto compreendido pela Rua onde se assenta o casarão-sobrado do Simplicio.

Outros óbitos de indigentes ocorreram, depois, com certa insistência em Ilha das Cabras, como os de Sinhã Gata, Chiquinha Gaga, Benedito Sapo, Manuel Sambaíba, Toninho Xanxo e Sinhã Carmelo. A todos a banda deu a graça de sua comparação.

Quando morreu o Tabelião Simplicio, a banda, por deliberação expressa do morto, não tocou, mas compareceu ao enterro com os instrumentos enfiados por uma fita preta, à exceção do Lolô que alegara ser preta a cor de seu instrumento. Hoje, já há enterros sem banda de música em Ilha das Cabras.

Felizmente.

Dantas Motta.

— Não, doutor, o filho desse

mulher, chamado João Quilabo, e que hoje reside na cidade de Tupan, no Estado de São Paulo, é músico também. E o senhor sabe: os músicos, como os bachareis, sempre tiveram solidariedade de classe.

A pedido da família ainda não enlutada a banda não tocou no trajeto compreendido pela Rua onde se assenta o casarão-sobrado do Simplicio.

Outros óbitos de indigentes ocorreram, depois, com certa insistência em Ilha das Cabras, como os de Sinhã Gata, Chiquinha Gaga, Benedito Sapo, Manuel Sambaíba, Toninho Xanxo e Sinhã Carmelo. A todos a banda deu a graça de sua comparação.

Quando morreu o Tabelião Simplicio, a banda, por deliberação expressa do morto, não tocou, mas compareceu ao enterro com os instrumentos enfiados por uma fita preta, à exceção do Lolô que alegara ser preta a cor de seu instrumento. Hoje, já há enterros sem banda de música em Ilha das Cabras.

Felizmente.

Dantas Motta.

— Não, doutor, o filho desse

mulher, chamado João Quilabo, e que hoje reside na cidade de Tupan, no Estado de São Paulo, é músico também. E o senhor sabe: os músicos, como os bachareis, sempre tiveram solidariedade de classe.

A pedido da família ainda não enlutada a banda não tocou no trajeto compreendido pela Rua onde se assenta o casarão-sobrado do Simplicio.

Outros óbitos de indigentes ocorreram, depois, com certa insistência em Ilha das Cabras, como os de Sinhã Gata, Chiquinha Gaga, Benedito Sapo, Manuel Sambaíba, Toninho Xanxo e Sinhã Carmelo. A todos a banda deu a graça de sua comparação.

Quando morreu o Tabelião Simplicio, a banda, por deliberação expressa do morto, não tocou, mas compareceu ao enterro com os instrumentos enfiados por uma fita preta, à exceção do Lolô que alegara ser preta a cor de seu instrumento. Hoje, já há enterros sem banda de música em Ilha das Cabras.

Felizmente.

Dantas Motta.

— Não, doutor, o filho desse

mulher, chamado João Quilabo, e que hoje reside na cidade de Tupan, no Estado de São Paulo, é músico também. E o senhor sabe: os músicos, como os bachareis, sempre tiveram solidariedade de classe.

A pedido da família ainda não enlutada a banda não tocou no trajeto compreendido pela Rua onde se assenta o casarão-sobrado do Simplicio.

Outros óbitos de indigentes ocorreram, depois, com certa insistência em Ilha das Cabras, como os de Sinhã Gata, Chiquinha Gaga, Benedito Sapo, Manuel Sambaíba, Toninho Xanxo e Sinhã Carmelo. A todos a banda deu a graça de sua comparação.

Quando morreu o Tabelião Simplicio, a banda, por deliberação expressa do morto, não tocou, mas compareceu ao enterro com os instrumentos enfiados por uma fita preta, à exceção do Lolô que alegara ser preta a cor de seu instrumento. Hoje, já há enterros sem banda de música em Ilha das Cabras.

Felizmente.

Dantas Motta.

— Não, doutor, o filho desse

mulher, chamado João Quilabo, e que hoje reside na cidade de Tupan, no Estado de São Paulo, é músico também. E o senhor sabe: os músicos, como os bachareis, sempre tiveram solidariedade de classe.

A pedido da família ainda não enlutada a banda não tocou no trajeto compreendido pela Rua onde se assenta o casarão-sobrado do Simplicio.

Outros óbitos de indigentes ocorreram, depois, com certa insistência em Ilha das Cabras, como os de Sinhã Gata, Chiquinha Gaga, Benedito Sapo, Manuel Sambaíba, Toninho Xanxo e Sinhã Carmelo. A todos a banda deu a graça de sua comparação.

Quando morreu o Tabelião Simplicio, a banda, por deliberação expressa do morto, não tocou, mas compareceu ao enterro com os instrumentos enfiados por uma fita preta, à exceção do Lolô que alegara ser preta a cor de seu instrumento. Hoje, já há enterros sem banda de música em Ilha das Cabras.

Felizmente.

Dantas Motta.

— Não, doutor, o filho desse

mulher, chamado João Quilabo, e que hoje reside na cidade de Tupan, no Estado de São Paulo, é músico também. E o senhor sabe: os músicos, como os bachareis, sempre tiveram solidariedade de classe.

A pedido da família ainda não enlutada a banda não tocou no trajeto compreendido pela Rua onde se assenta o casarão-sobrado do Simplicio.

Outros óbitos de indigentes ocorreram, depois, com certa insistência em Ilha das Cabras, como os de Sinhã Gata, Chiquinha Gaga, Benedito Sapo, Manuel Sambaíba, Toninho Xanxo e Sinhã Carmelo. A todos a banda deu a graça de sua comparação.

Quando morreu o Tabelião Simplicio, a banda, por deliberação expressa do morto, não tocou, mas compareceu ao enterro com os instrumentos enfiados por uma fita preta, à exceção do Lolô que alegara ser preta a cor de seu instrumento. Hoje, já há enterros sem banda de música em Ilha das Cabras.

Felizmente.

Dantas Motta.

— Não, doutor, o filho desse

mulher, chamado João Quilabo, e que hoje reside na cidade de Tupan, no Estado de São Paulo, é músico também. E o senhor sabe: os músicos, como os bachareis, sempre tiveram solidariedade de classe.

A pedido da família ainda não enlutada a banda não tocou no trajeto compreendido pela Rua onde se assenta o casarão-sobrado do Simplicio.

Outros óbitos de indigentes ocorreram, depois, com certa insistência em Ilha das Cabras, como os de Sinhã Gata, Chiquinha Gaga, Benedito Sapo, Manuel Sambaíba, Toninho Xanxo e Sinhã Carmelo. A todos a banda deu a graça de sua comparação.

Quando morreu o Tabelião Simplicio, a banda, por deliberação expressa do morto, não tocou, mas compareceu ao enterro com os instrumentos enfiados por uma fita preta, à exceção do Lolô que alegara ser preta a cor de seu instrumento. Hoje, já há enterros sem banda de música em Ilha das Cabras.

Felizmente.

Dantas Motta.

— Não, doutor, o filho desse

mulher, chamado João Quilabo, e que hoje reside na cidade de Tupan, no Estado de São Paulo, é músico também. E o senhor sabe: os músicos, como os bachareis, sempre tiveram solidariedade de classe.

A pedido da família ainda não enlutada a banda não tocou no trajeto compreendido pela Rua onde se assenta o casarão-sobrado do Simplicio.

Outros óbitos de indigentes ocorreram, depois, com certa insistência em Ilha das Cabras, como os de Sinhã Gata, Chiquinha Gaga, Benedito Sapo, Manuel Sambaíba, Toninho Xanxo e Sinhã Carmelo. A todos a banda deu a graça de sua comparação.

Quando morreu o Tabelião Simplicio, a banda, por deliberação expressa do morto, não tocou, mas compareceu ao enterro com os instrumentos enfiados por uma fita preta, à exceção do Lolô que alegara ser preta a cor de seu instrumento. Hoje, já há enterros sem banda de música em Ilha das Cabras.

Felizmente.

Dantas Motta.

— Não, doutor, o filho desse

mulher, chamado João Quilabo, e que hoje reside na cidade de Tupan, no Estado de São Paulo, é músico também. E o senhor sabe: os músicos, como os bachareis, sempre tiveram solidariedade de classe.

A pedido da família ainda não enlutada a banda não tocou no trajeto compreendido pela Rua onde se assenta o casarão-sobrado do Simplicio.

Outros óbitos de indigentes ocorreram, depois, com certa insistência em Ilha das Cabras, como os de Sinhã Gata, Chiquinha Gaga, Benedito Sapo, Manuel Sambaíba, Toninho Xanxo e Sinhã Carmelo. A todos a banda deu a graça de sua comparação.

Quando morreu o Tabelião Simplicio, a banda, por deliberação expressa do morto, não tocou, mas compareceu ao enterro com os instrumentos enfiados por uma fita preta, à exceção do Lolô que alegara ser preta a cor de seu instrumento. Hoje, já há enterros sem banda de música em Ilha das Cabras.

Felizmente.

Dantas Motta.

— Não, doutor, o filho desse

mulher, chamado João Quilabo, e que hoje reside na cidade de Tupan, no Estado de São Paulo, é músico também. E o senhor sabe: os músicos, como os bachareis, sempre tiveram solidariedade de classe.

A pedido da família ainda não enlutada a banda não tocou no trajeto compreendido pela Rua onde se assenta o casarão-sobrado do Simplicio.

Outros óbitos de indigentes ocorreram, depois, com certa insistência em Ilha das Cabras, como os de Sinhã Gata, Chiquinha Gaga, Benedito Sapo, Manuel Sambaíba, Toninho Xanxo e Sinhã Carmelo. A todos a banda deu a graça de sua comparação.

Quando morreu o Tabelião Simplicio, a banda, por deliberação expressa do morto, não tocou, mas compareceu ao enterro com os instrumentos enfiados por uma fita preta, à exceção do Lolô que alegara ser preta a cor de seu instrumento. Hoje, já há enterros sem banda de música em Ilha das Cabras.

Felizmente.

Dantas Motta.

— Não, doutor, o filho desse

mulher, chamado João Quilabo, e



## OS GRANDES SONETISTAS DA LINGUA PORTUGUESA

GREGORIO DE MATOS

(1633-1696)



Ilustração de SANTA ROSA

PEQUEI, SENHOR: MAS NÃO PORQUE HEI PECADO.  
DA VOSSA ALTA PIEDADE ME DESPIDO:  
'ANTES, QUANTO MAIS TENHO DELINQUIDO,  
VOS TENHO A PERDOAR MAIS EMPENHADO.

SE BASTA 'A VOS IRAR TANTO PECADO,  
A 'ABRANDAR-VOS SOBEJA UM SO' GEMIDO:  
QUE 'A MESMA CULPA QUE VOS HÁ OFENDIDO,  
VOS TEM PARA O PERDÃO LISONJEADO.

SE UMA OVELHA PERDIDA, JÁ COBRADA,  
GLÓRIA TAL, E PRAZER TÃO REPENTINO  
VOS DEU, COMO AFIRMAIS NA SACRA HISTÓRIA,

EU SOU, SENHOR, OVELHA DESCARRADA,  
COBRAI-A, E NÃO QUEIRAI, PASTOR DIVINO,  
PERDER NA VOSSA OVELHA A VOSSA GLÓRIA